

[CONTOS E CRÔNICAS]

CONTOS TRIDIMENSIONAIS

Luis Henrique Miotto

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**



Máquina de Escrever
editora | produção cultural

CONTOS TRIDIMENSIONAIS

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:

Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt

Diagramação:

Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:

Clara Reinhardt Silva

Revisão:

Elys Faria Bittencourt

Revisão textual da capa:

Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

M669

Mioto, Luis Henrique
Contos tridimensionais / Luis Henrique Mioto. ____
Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.
98 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-80-3

1. Contos Paranaenses – Coletânea. 2. Ficção Brasileira -
Paraná. I. Título.

CDD: 869.9362

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil
Fone: (41) 98406-1935
contato@editoramaquinadeescrever.com.br
editoramaquinadeescrever.com.br



CONTOS TRIDIMENSIONAIS

Luis Henrique Miotto

Curitiba 2025



Sumário

Capítulo 3, versículo 6 e ½ ou O que Eva disse ao Adão que o convenceu a também comer o fruto?7	
A menina e o banco.....	9
A palavra da palavra.....	10
Conto minimaloso nº 1.....	16
Barba dura.....	17
Cem anos, de supetão.....	19
Conto minimaloso nº 2.....	21
Cigarros de queijo.....	22
Conto minimaloso nº 3.....	31
Conversão.....	32
Uma história que me veio de manhãzinha.....	34
Conto minimaloso nº 4.....	35
Da utilidade e desvantagem dos porcos para a vida.....	36
Conto minimaloso nº 5.....	45
Duelo.....	46
Conto minimaloso nº 6.....	49
Ela Eu.....	50
Conto tridimensional nº 1.....	53
Entre Sinório e Nâmora existe um vão.....	54
Conto tridimensional nº 2.....	60
Esperava alguém voltar.....	61
Lá pelas bandas das cidadezinhas.....	64

Noite sem luz nem lua.....	65
Conto tridimensional nº 3.....	67
O besouro do planeta romã.....	68
O homem triplicado.....	72
Conto tridimensional nº 4.....	74
O Menino que tinha tudo.....	75
O que ocorreu no entardecer de 13 de Agosto no cemitério São Roque de Piratuba.....	79
Beethoven, eternamente.....	83
Os três pontinhos dos três pontinhos.....	90
Os oito similares.....	95
Conto tridimensional nº 5.....	97

Capítulo 3, versículo 6 e ½ ou O que Eva disse ao Adão que o convenceu a também comer o fruto?

Colheu o fruto, comeu e deu também ao marido, que estava junto, e ele hesitou e perguntou à mulher: “Que sentes?” E esta não respondeu, ficando com os olhos muito abertos e inflamados. O homem notou então que a mulher protegia o fruto mordido apertando-o no ventre e voltou a perguntar: “Que sentes, mulher?”. E esta novamente não lhe respondeu e fechou os olhos soltando um gemido de inteiro conforto.

E só então a mulher voltou à palavra e disse assim ao homem: “Desculpe-me, mas é que acaba de descer-me neste instante uma água deliciosa de uma forma que nunca havia sentido”. E o homem perguntou à mulher, pois não havia compreendido aquelas palavras: “Foi o gosto do fruto que te causou tal conforto?” A mulher, ao ouvir tal pergunta, olhou o homem pelo canto dos olhos e sentiu impaciência e disse-lhe então: “Sim. Aconteceu depois de ter mordido o fruto, este conforto que falei a ti, porém teve início com uma brisa que passou por minhas pernas. Mas agora me sinto inquieta e sem entender por quê”.

Quando a mulher acabou de falar, entregou o fruto ao homem e passou a observar algumas folhas que haviam crescido no jardim. A fim de satisfazer-se, colheu uma folha e enrolou-a como um pergaminho e após preparar o fogo sentou-se em um dos troncos da árvore que havia colhido o fruto para tragar a fumaça daquela erva do campo. E novamente sentiu conforto.

O homem, não conhecendo o que a mulher sentia, perguntou: “Acha que seria bom se também comesse o fruto?” A mulher sentiu repulsa pela indecisão do homem e então disse: “Até agora nunca havia notado como tuas palavras soam como se esperasses uma ordenação para fazeres algo. Cala-te, pois tua voz me faz recordar de como fiquei tanto tempo sem observar. Somente agora sinto a dor do desconforto e o alívio ao satisfazê-la, somente agora sinto o corpo tremer quando o

vento passa por mim, mas só assim descobri o que agora chamo de frio. Repare como a árvore da vida se parece com a árvore de dois galhos do bem e do mal, é porque na verdade as duas fazem parte da mesma espécie, as duas são árvores da vida. É isto que aquele astuto animal queria ensinar-nos: o bem e o mal são somente duas nuvens. Conhecer a dor, o frio, a fome não é conhecer o mal, conhecer o conforto, a saciedade não é conhecer o bem. Conhecê-los é tornar-se vivo. Este fruto que seguras é o sopro do sentir-se vivo”.

O homem notou que era tentador comer do fruto, porém não havia entendido o que a mulher dizia e perguntou: “Achas que devo comê-lo?” E a mulher disse: “Escute o que teu corpo vos diz, pois nele habita o mundo e sua vontade”.

E vendo que o homem ainda permanecia sem agir, perguntou-lhe: “O que te aflige?” Disse-lhe o homem: “Não sei, pois Deus disse ‘no dia em que comeres da árvore proibida serás condenado a morrer’”. E a mulher riu dos olhos fechados de seu marido e lhe apontou um pequeno réptil que caçava um inseto e disse: “Apesar da morte, continuarás vivo, porque segues alimentando a vida”. O homem então compreendeu e mordeu o fruto.

Depois de um tempo, vendo a mulher que o homem conservava a face angustiada, colheu um ramo de um arbusto e aproximou das narinas do homem. Este respirou profundamente e disse em voz leve: “Senhor, este cheiro é ruim.” A mulher riu novamente e disse-lhe: “Achas?” E o homem respondeu: “Sim”. A mulher então se aproximou do homem e disse: “Pois, eu não.” Depois os dois se olharam e riram juntos.

Tendo passado longo tempo sentados em um morro ouvindo os sons que vinham de lugares que o homem e a mulher não conseguiam ver de onde estavam, o homem sugeriu à mulher que ambos caminhassem para fora do jardim, a fim de conhecer mais. E a mulher respondeu: “O Senhor não permitirá que saíamos do jardim tendo-nos criado para que aqui fiquemos”. E a serpente estando próxima daquele lugar se aproximou e disse: “Façais então de vossas fugas uma expulsão”. E assim concordaram ambos e teceram com folhas de figueira tangas para si.

A menina e o banco

Primeiro terminal, um monte de gente amarrotada descia do ônibus que parecia agora – com tanto menos gente – até flácido. Ufa!

Vendo a movimentação da filha, a mãe gritava lá detrás cuidando do outro filhinho no colo.

— Não vai descer ainda não, Cibele! Fica aí, é no próximo terminal! A menininha tentava se explicar:

— Eu só vou mudar de banco... – magrelinha, cabelo escorrido cor de caramelo. A mãe, sentada lá atrás daquele monte de gente descendo, não ouvia.

— Fica aí, Cibele! É no outro! - nem se via a mãe.

— Eu não vou descer! Eu só vou sentar ali no outro banco!
– e fez de novo um movimento de levantar.

O gritinho dela era muito baixo e a mãe ainda estava aflita com umas sacolas que equilibrava.

— Cibele, fica aí! Senta!

— Aff... – apoiou o queixo nas mãos, angustiada com a situação.

Mirou pros dois lados e fez o gesto rebelde: se levantou e foi em direção ao outro banco... Quando quase se sentando, a mãe reparou na cena:

— Cibele!! Não é neste terminal!!

Desviou de um monte de pernas e sentou correndo no banco tão desejado e explicou didaticamente, toda cuidadosa:

— Eu não vou descer, mãe..., vou ficar sentada neste banco daqui!

— Ah...! – a mãe entendeu afinal – Senta aí, fica sentada, hein! – a ordem aí já veio mais adocicada.

— Tá bom. – murmurou, olhando lá fora pela janelona. O carro já arrancava de novo, se tremendo todo.

A palavra da palavra

Desde seu surgimento na China do início do segundo século, o papel – material manufaturado na forma de folhas finas a partir da polpa de madeira, farrapos ou outras substâncias fibrosas – vem desempenhando um papel extremamente importante na organização do cotidiano das sociedades, importância intensificada pela massificação do acesso ao papel ocasionado pela invenção da máquina de Fourdrinier, cientista francês do final do século XVIII, que aperfeiçoou a capacidade de manipulação da manufatura da polpa.

Enumeremos, então, alguns exemplos desta importância. Mesmo o indivíduo estando inteiramente presente em uma determinada ocasião, quem possuirá mais autoridade para dizer quem ele “é”, ou seja, a sua identificação, será o papel que carrega em sua carteira. Toda a história e conhecimento da humanidade tende a se concentrar em papéis guardados em estantes. A burocracia governamental se relaciona por trocas de papéis, os desejos das comunidades chegam ao aparelho burocrático através de um papel-ofício que retorna para estes grupos em forma de um papel-resposta. Equivocadamente fala-se em “civilização da imagem”, enquanto o que temos é justamente o autoritarismo e a ditadura do texto. Vivemos numa cultura de códigos e a imagem é o oposto do código, por princípio. Enfim, o objetivo desta tese que está neste papel que você está segurando é constatar que o papel se configura como o grande regente da sociedade contemporânea que, por isso, denominamos “sociedade burocrática”, mesmo entendendo que o conteúdo, ou seja, os dados que estão inscritos no papel, é quem realmente indica a importância de tal papel e, portanto, rege a sociedade, ou melhor... a palavra inserida no papel tem importância, mas quem está nas mãos dos homens e nos arquivos são os papéis, portanto, é o papel quem perde para a palavra... não..., não..., é o papel quem perde para a palavra... mas que coisa! Quero dizer que é o papel quem organiza a sociedade. Não!... puxa, o obje-

tivo desta tese é fazer uma defesa do papel e não da palavra. Ora, então esta tese não sabe a importância que possui a palavra, e pare de falar como se fosse uma tese e se assumo logo como escritor, ora essa! Mas quem é que está me refutando? Sou eu, a palavra, vim em minha defesa. Ah, palavra, me deixe terminar esta tese em paz, não comece com discussões metafísicas, tenho montes de fontes documentais, que inclusive são papéis, que evidenciam que o homem contemporâneo confia mais em papéis do que nos próprios homens. Mas você esquece que são os dados, que em essência são palavras, quem possuem a real importância, vim pra lhe lembrar disso, aliás, o fato de estar me expressando no seu parágrafo está me apoiando e me confundindo, vou criar um parágrafo só para mim, assim conversaremos mais à vontade, além do mais, este já está demasiado longo.

— Pronto. Agora posso falar mais livremente. Dizia eu que o papel não possui realmente uma importância em si, ele se torna dispensável cada dia mais na contemporaneidade. E posso lhe afirmar que, com o avanço dos computadores...

— Eta, palavra, sempre desprezando quem lhe é importante.

— Ora... Resolveu colocar um travessão em sua fala, escritor? Antes não o tinha e parecia que não o precisava.

Mas, não sou eu quem está falando.

— Mas quem seria então...? Papel, é você?

— É claro, acha que deixaria me caluniar assim sem fazer nada, e justamente numa tese em minha defesa? Que baixeza, palavra! Sabe que em muitos casos eu que lhe carrego nas costas, sendo que sem mim você não teria a menor importância, nem ao menos se fixaria em algum lugar, estaria sempre voando solta por aí. Mas, admito que muitas das vezes não vou para o lixo pela importância que você deposita em mim, nossa existência é composta por uma relação de dependência um com o outro, numa simbiose. Mas isso não impede, e você sabe disso, que eu tenha minhas importâncias à parte de você. Não me subestime assim. Escutou?

— Eu, palavra, não existo só no papel, por mais que tentem me apagar com borrachas, permaneço na fala do escritor, portanto, estou na boca do escritor. E mesmo se este resolver ficar mudo e tentar me controlar nos escritos, ainda estarei na cabeça, na mente do escritor, pois quando pensa em escrever, pensa em palavras. Ah, papel, você é nada, só desempenha a função burocrática, a parte chata. Por mais bonito que você se encontre, reciclado ou colorido que seja, continuo usando-o apenas como meu transporte. Só quando me canso do ambiente poluído da abstração de uma mente é que lhe procuro, para me sentir mais limpa, mais concreta. Não percebe? Você é um espaço racionalizador de minhas múltiplas possibilidades de existência e quando me canso dessa prisão de minhas formas, que é você, parto para outra mente e assim migro e me reproduzo. Você, assim que se torna dispensável, vai para o lixo.

— Transporte! Eu!? Suas crises de arrogância a fazem esquecer que você é oca, que não tem significado por si só, raciocine garota: palavra e frases sempre exprimem alguma coisa diferente delas próprias. Se me coloca em posição inferior por me usar como transporte, eu lhe digo que você, palavra, detêm um bocado desses sintomas de inferioridade, pois também é usada como instrumento de transporte, serve para carregar ideias que, aliás, podem ser interpretadas de infinitas maneiras, apenas ganhando significado através daquele que a lê. Você não é mais que um mecanismo que as pessoas usam para se comunicar, um meio e não um fim, assim como eu.

— Ora, papel, como posso ser só um mecanismo se sou dotada de vida própria? Eu, desde que nasci me reproduzo e me complexifico cada vez mais, crio mais filhas, sou mãe. E você? Cria?

— Preste atenção no que digo, palavra, justamente por ter vida é que você acaba por morrer. Se eu vou para o lixo, como diz, pior você que vai para o cemitério.

— Nem sempre morro. Também sei perdurar!

Parem com essa briga vocês dois! Imagine como ficará a situação do leitor se vocês resolverem se separar e nunca mais andarem juntos? O papel tem razão, palavra, vocês vivem numa situação de reciprocidade e... e... interdependência, até.

— Esse papel não sabe é de coisa alguma. Inclusive se eu o abandonar agora ele não terá nem como dizer qualquer coisa que seja. Não se fala sem mim.

— E o que seria dessa sua fala de agora se eu aqui não estivesse?

Percebo agora que quem realmente é importante nesta história sou eu, o escritor, pois se paro de escrever esta discussão fica por terminada.

— Quer fugir, não é, escritor? Que petulância a sua, hein!? Nos menospreza agora. Nós dois não tínhamos, até a pouco, importância? Acha-se um grande gênio, não é? Só porque teve uma sacada parcamente interessante de colocar o papel e a palavra como personagens falando com você, já está o tal. Pois saiba que vários outros tiveram ideias mais geniais com muito menos esforço. Vou lhe dar uma sugestão, escritor: vá escrever algo sobre personagens humanos, acontecimentos da vida, pois, afinal, são mais ricos e estão em todos os lugares à sua volta. Para que, eu lhe pergunto, tanto esforço para escrever sobre uma situação imaginária, que nunca existiu e nunca existirá? Acha que alguém se interessará por isso?

— Tem razão, palavra. Esse escritor é realmente um fraco. Além de escrever um texto pequeno como este, sobre um assunto que a ninguém interessa, ainda perde o governo da situação. Onde já se viu, deixar a palavra e o papel tomarem conta da história? E, ainda por cima, olha lá embaixo.

— Onde?

— Lá, no último parágrafo do texto.

— Que é que tem?

— Pelo "Sim" que estou vendo escrito, com travessão e ponto final, lá no último parágrafo, percebo que ele ficará sem o controle da situação até o final.

passivos, corpos jogados num campo de batalha. É o leitor quem vai dar vida aos signos já defuntos. Papel, palavra, nada têm a dizer se permanecem trancafiados numa gaveta, sem uma subjetividade que lhes ofereça qualquer sentido que seja. Você, leitor de agora, é quem faz e dá o sentido para todo esse falatório. E a cada vez que alguma mente corajosa ousa fazer uma leitura, mesmo que seja a mesma mente lendo o mesmo papel novamente, a leitura será sempre inteiramente inédita, sempre heterogênea, pois nunca o papel, as palavras ou o leitor serão os mesmos. É você, portanto, aí com seu silêncio, quem está no comando, criando como um deus neste espaço que lhe convida, alguma coisa nova, que sou eu. É você quem está falando e eu, no fim das contas, sou você. Não é, leitor?... Leitor...? Leitor?

— Sim.

Conto minimaloso nº 1

- Ô!
- Hmm...? Ah! Cê tá qui, fio?
- Ei-lo!
- Daí? Cumé?
- Vixi, mó bafafá!
- Eia! Que que é? Din-din?
- ã-hã. Pra dedéu!
- Uia!
- Shhhh!
- Eaí?
- Tô lá, né!
- Cê tá de nhéim-nhéim-nhéim...!?!
- Ô fio..., ó: din-din!
- Afi!
- Mé?
- Pô!
- Ôa amigo!!!... Ôtra!
- E o ómi?
- Fica no muuu!
- Sem dó?
- Ah! Que que é!?!
- Hmm..., tim-tim!
- Tim-tim!... Eita...! Ó lá!
- Óia..., u-lá-lá!!!
- Oh! Cumé? Vá lá!
- Hã?... Ah! Mó tóin-ióin-ióin!
- Virgi! Vem cá..., cê é?
- Êêê..., xô, hein! Nem...
- Né, não?
- Opa, meu!!!
- Tá, tá..., he-he.

Barba dura

Era uma primeira vez que o do meio reconhecia as grandes lições que uma árvore exhibe, o tempo todo, sem lecionar. Galhos firmes, ainda crescendo dançando num tempo vagaroso, antiga, vivendo sua madureza calmamente, sentindo e sendo o mundo, gestando sua potência vinda lá de ainda semente. Daí, então, uma existência difícil de distância do lá e hoje. Entortando nos acasos. Agora dava pra dar flores e, quando mais sabida de si mesma, seguindo uma receita que relembrou passo a passo, brinca e doma suas forças e expele um fruto vermelhudo recheado de umas pulsantes cinco ou seis outras potências. Essa uma galhava-se nas outras, cada vez mais densas, abraçadas, inventando túnel por onde escorria o barco com o rio sombreado debaixo. O rio ia mais rápido que o barco de madeira branca. E remavam os três de chapéu tombado.

Deram pra avistar na frente uma silhueta..., um homem bem parado, em cima duma pedra..., ele mesmo uma pedra, grande. Era uma pedra e não um homem? Os dois no quase, a proximidade respondeu: uma estátua. Apontava. Como quem indica o final do caminho, lá na frente, o olho convencido, mandão. Olhava apertado a cabeça alta esculpida em cima dos ombros de pedra bruta.

Não aceleraram, pararam até de remar, forçando os olhos, coçando a caspa, o rio escuro que ia e levava o barco dos três pra mais de perto enxergar o homenzarrão de pedra preta, barba dura cheia de musgo. Seguindo a sugestão do apontão, ia-se até o fim da brenha, já se via o reluzente das águas de sol direto nelas, menos úmidas, pra lá mirava aquele dedão escuro parado, pro fim do entrelaço dos galhos.

— Agora me responde um: que que um troço desse tá aqui? Um gelado, tremelica nos dentes:

— Coisas do cavalo asas d'água. Melhor voltar, moços. Ele congela pelos olhos! O outro mais quieto:

— Que o quê, ô! Vâmo devagar, mas vâmo. Pra frente! Indo!

— Cê tá doido...

Um susto! As águas estouraram. O de trás se agachando e rezando. Imenso, um cavalo de asas saiu do fundo do rio num berro, as ventas escancaradas, língua louca, parecia que eram duas, olhos estalados, igual desespero do cavalo do Guernica, do tamanho de uma goiabeira prum gato, umas asonas encharcadas, branco, branco. Veiúdo.

O do meio forçava o remo pra sair dali, o da frente tentava bater no imenso, mas o bicho parecia estar sofrendo um ataque, puxado pra baixo, alguma coisa enrolada. Antes de afundar de vez, sugado, deu uma patada no casco do barco que quase girou os três. Ai se caíssem ali na bagunça, já iam.

— Segura!

O barranco onde se firmava a estátua do homem desfez e, afundando, a estátua foi de cara nas margens e ficou ali, se melando.

O amigo de trás então descruzou os dedos, parou a reza, mas não a baba. Os três molhados diminuíram o ritmo do coração pegando ar com a boca. O barco desritmou e tudo no burburinho, aos poucos, de novo, agora.

Um coaxo lá longe.

— Acho que a gente devia ir pra onde ele tava apontando, mais seguro.

— Sim, sim.

Voltaram pro remar, então. Tensos nos dedos. Gotejando as cabeças zonzas. Quando pegou impulso o barco, o de trás comentava:

— Mas num era pra lá já que a gente tava indo?

Cem anos, de supetão

E então ele se fingiu de morto e nunca mais deu as caras. Ela se agarrou nos dois meninos e escondeu suas coisas no mundo. Chorava que nem se desesperava mais. Conheceu um orfanato. Vida nova. Pros três. Ela pode juntar dinheiro em paz. Os meninos cresceram tortos e fortes. Adolesceram trabalhando de pedreiro. O mais novo teve onze filhos com aparência de caboclo, apesar de serem índios. O mais velho gritava em balcão, apostou e ganhou, virou dono de um sítio arrendado para usina. O sítio se desfez com sua morte, as partes viraram pagamentos de dívidas, consórcios e parcelas. As dívidas ainda se estenderam por duas gerações. Os consórcios viraram carros que hoje estão em quarta mão, senão em ferro-velho. As parcelas, todas foram arrastadas, mas todas pagas, algumas em acordo com o banco, outras com a doença de alguém. A geração das dívidas pagas deu então um salto. Se empanturraram de tecnologias, dava pra ficar mais dentro de casa. Confeccionaram seus primeiros herdeiros intelectuais e artistas. Foi o golpe no talo. Se espalharam como praga, em todas áreas. As famílias se desintegravam, cada um prum canto longínquo. Pararam os grandes casamentos, as bodas sumiram. A maioria de corpo fino, estéril ou sem prazer no sexo, o certo é que já não procriavam. Tiveram os primeiros esquizoides. A raiz já ia secando, quando apareceu a Ivonete. Vinha de fora e se casou com um violonista frustrado de dentro. Todas que restaram queriam ter os olhos brilhantes e o rosto cantarolante de Ivonete. Fogo, queimava, ardia, fervia..., saborosa. Não ficou um ano, mas seu perfume inebriou todos os desejos dos mais novos, a ponto que quando já tinham idade para cabelos pra baixo do nariz, procuravam sempre as que cantavam mais que compunham. Daí veio de cara trinta e cinco. Todos com emprego e estudos garantidos, de pequenos já os percebiam caçadores e galos de briga. Seus avós, nos escuros da esquerda, viram os netos tomarem as coroas da direita. Xingaram, mas não podiam mais bater... Fazer o quê? Já eram

frustrados há anos mesmo... Já preparavam a saída estratégica do interior para o centro. Do centro para o litoral foram mais uns anos. Quando começaram a humilhar desempregados depressivos, vendedor ambulante e brincar de acertar ovo podre em vultos mal dormidos na madrugada tiveram problemas, os que eram doutores acharam melhor se organizarem e respeitar algumas regras, era mais higiênico. Amigaram-se com grupos de fora, as costas sempre mais largas. O Felipe é o herói da família, centrado, reto, tem trinta anos e já é juiz, vai se casar na outra semana. Um de seus filhos vai ser deputado, certeza. Ou coisa próxima. O adubo está garantido.

Conto minimaloso n° 2

- Já?
- ã-hã! Já.
- Obrigado, dotô!
- Nada, ô.
- Té!
- Ôxi!!!
- Quê?
- Din-din, né!?!
- Ah! Ops...Tó.
- Afi!
- Oh, vô aí!
- Já?
- É, ué!
- Só...! Té! E ó: shhh, hein?
- Té!
- Hmm..., ôxi! Cri-cri, hein!

Cigarros de queijo

No canto da casa, posta em cima de um objeto de madeira que improvisa uma raque, um televisor difunde pela sua tela, através de sinais eletrônicos transformados por um receptor interno, quatrocentas mil imagens, enganando um olhar, que consegue enxergar apenas uma única, homogênea, sem perceber que ela é uma soma brilhosa de tantas outras, luz mágica da tecnologia em pedaços. O canal é o sete. Estamos numa sala e o olhar enganado é de uma mulher: D. Glória.

— Então quer dizer que este que eu estou mostrando aqui é o terceiro?

— Terceiro disco da dupla – afirmou. – Todos os três com grandes vendas, graças a deus. Esse aí, “Canções Ao Vivo”, lançado pela Santa Cruz Discos Hits, já é disco de platina! – o nome do disco, e da gravadora principalmente, soava um tanto irritante por causa da língua presa. – Sucesso sensacional deste verão.

— Que maravilha! Olha, você aí de casa, já é sucesso, hein! E o que o público de vocês, tão fiel, vai encontrar de especial neste “Ao Vivo” que está tão maravilhoso, Padre Carlos?

— Olha, Maria Bete, – enquanto virava a panela e afastava o rosto da fumaça que subia da água fervendo que escorria para pia, tchúú – este disco é uma espécie de coletânea... sabe?... dos hinos mais lindos. Que fumaceira, hein!

— Tem participação de cantores de peso, – comentou Padre Roberto, percebendo que o amigo se atrapalhava, com as palavras e com o macarrão – o que deixa a gente rebaixado, bem... o Padre Carlos nem tanto, porque ele tem uma voz ave-ludada linda, mas eu...

— Ah, o Padre Roberto quer inventar cruz que não tem, a voz dele é divina, parece um querubim, não vem não!

— Ora, Carlos! – os dois jovens religiosos trocaram um olhar silencioso que Maria Bete não percebeu, olhava para uma ficha rabiscada em suas mãos.

— Mas eu ouvi – mentira, não ouvira nada, os padres sabiam – a faixa sete e achei perfeita.

Um dueto de vocês que é uma graça!

— Ah! – espantaram os dois juntos, Padre Roberto foi quem prosseguiu. – É justamente a nossa predileta, “O amor entre nós”. Não é, Carlos?

— É sim, é linda!

— É uma benção ter dois meninos tão simpáticos e lindos como vocês aqui em nosso programa. Mas vamos adiantar esses petiscos, senão o programa acaba e a gente nem começa. Não é?

Riram os três, o tempo necessário. Maria Bete havia recebido um recado no ponto que trazia no ouvido esquerdo: Acelera, Bete! Já ganharam o deles!

Era um programa de uma emissora regional pequena, do interior do estado, tinha só meia hora, por isso os assessores gastronômicos – que eram precisos, Maria Bete não sabia nem cozinhar ovo – escolhiam as receitas mais rápidas, os petiscos eram sempre uma boa solução.

— Bom..., para você que chegou agora, estamos aqui, na receita do dia, com o Padre Roberto e o Padre Carlos, preparando seus petiscos preferidos: cigarros de queijo – forçava o sotaque, questão de identificação com o público, ensinou o produtor. – Então, como mostrou o Padre Carlos, primeiro a gente cozinha os cento e cinquenta gramas de rigatoni, esse macarrão aqui em forma de canudo... dá um close aqui no macarrão pra mim, ô Jorginho, isso, brigada!... até ele ficar al dente. Não é isso, padre?

— Isso, Maria. Al dente – e mostrou os dentes.

D. Glória, no começo, quando houve, uns cinco anos atrás, aquele histórico avanço das pequenas emissoras regionais nas transmissões abertas, não gostava muito de Maria Bete, achava-a muito da exibida, e pior ainda que parecia que ela não tinha espelho em casa, com aqueles cabelos curtos, com luzes nas pontas, mas com as raízes escuras, usava uns decotes que não eram para idade que dizia ter. E as risadas..., falsas que só. Toda vez que ela gargalhava, inclinando o corpo pra trás, mostrando

o céu da boca, D. Glória sentia a mão formigar de vontade de dar um murro na parede de raiva. Ainda tinha uma marionete que enchia, um macaco falante de pelúcia que tentava umas piadas. Ai, ai. Com o tempo, no entanto, passou a admirá-la, principalmente quando dava aquelas dicas. Seu Mauro estranhou no início aquelas mãos rápidas que nunca tinha visto na mulher, mas depois começou a gostar. D. Glória exclamou um dia para uma amiga, D. Emengarda, que essa tal Maria Bete é descarada mesmo, mas sabe das coisas. D. Glória passou a assistir todos os dias o “M. B. Show” enquanto soava passando roupa. No momento, no entanto, tinha pousado o ferro na tábua e escutava de boca semiaberta e olhos arregalados o que Maria Bete acabara de dizer. Estava pálida.

— Agora a gente leva uma colher de manteiga e de farinha de trigo pro fogo, mexendo sempre. Acrescentando o leite aos poucos.

— Põe mais, padre, que este leite é bom – disse Maria Bete segurando a caixinha e fazendo um ok para a câmera.

— É bom. É lá do Supermercado Maffuto, então é leite bom! Tem que pôr mais.

— É isso aí, Padre Roberto! – com um demente yes! no ar.

Uma barata barriguda veio planando, zunindo, e pousou toda desengonçada bem nas costas da mão de Maria Bete, tinha pavor desses insetos, como quase todos temos, é um nojo comum. Segurando o grito, discretamente colocou as mãos para trás e as chacoalhou dando uns pulinhos. O câmera, percebendo a encrenca, deu um close no ouvido de Padre Carlos.

— O que é que está acontecendo aí, Maria?! – gritaram histericamente no ponto.

O inseto voou, deu uns rodopios em cima das panelas e saiu de cena, todo caprichoso, não estava para grandes performances, já tivera momentos muito maiores. O câmera voltou ao plano geral.

— Tudo bem! Tudo bem! Continuem, foi um acidente. Alguém mate essa coisa! – acalmou a voz do ponto, compreendendo a situação.

— Para o tempero eu trouxe sal e noz-moscada de lá do Maffuto também, mas a pimenta nós trouxemos lá do quintal de nossa casa mesmo.

— Olha só! Vocês moram juntos?! – perguntou Maria Bete, como se já não soubesse.

Padre Roberto não respondeu, enrubesceu, Padre Carlos jogou com força os temperos na panela. Depois, mais à frente, espere, quando o petisco já estiver pronto, experimentando o prato, Maria Bete acharia o tempero exageradamente forte, mas diria que estava delicioso.

— Calma, calma, Padre Carlos, senão eu não acompanho, menino. O que você está colocando agora?

— É cento e cinquenta gramas de queijo em tiras – nem especificou qual era o queijo, mas é o parmesão, mistura bem e deixa esfriar. Depois é só rechear os rigatoni.

— Deixe-me experimentar este recheio. Hum..., está delicioso, que mãos maravilhosas o padre tem. Só acho que falta um pouquinho de sal – provocou.

Padre Roberto veio em socorro:

— Sal é que nem ciúmes, nem de mais, nem de menos – Carlos agradeceu com um sorriso. – Amém! – os dois riram juntos.

— Empana logo essa coisa! - outro aviso no ponto.

— Então agora, depois de rechear, é só empanar nesta mistura de farinha de trigo e de rosca e ovo batido?

— E fritar – completou Padre Carlos, ainda com um leve riso no canto dos lábios.

Maria Bete virou-se para a câmera central e disse, apontando o indicador lambuzado em sua direção:

— E você, não saia daí. Vamos ver como ficarão os petiscos preferidos do Padre Roberto e do Padre Carlos. E ainda hoje teremos a visita do meu amigo... querido, de tantos anos...

comendador Miranda, falando tudo que você sempre quis saber sobre eutanásia. Fique aí, menina, que eu já volto.

A faixa sete do disco tocava, enquanto aparecia a vinheta:

— M. B. Show! – cantou o locutor. Comerciais.

— O banco Socrop faz tudo por você...

D. Glória estava vesga, balançou a cabeça para acordar, levantou-se e desligou o televisor, sabia bem como o petisco ficaria. Estava mais que decidido: – Esta noite, no jantar, teremos cigarros de queijo – batendo com o calcanhar no chão.

Demorou duas horas para preparar o prato, até queimou a ponta do dedo, tal a dedicação e ansiedade de D. Glória. Deitou sobre a mesa os petiscos ainda quentes, junto com pratos e talheres para duas pessoas, porque o filho já tinha se casado e fazia três meses que não dava as caras, aquele desnaturado. Seu Mauro, depois de xingar o filho, ligou o rádio fm, virou o botão. Encontrou uma música em espanhol.

— Todo es mentira neste mundo, todo es mentira na verdad... – deixou tocando, num volume bem baixo, quase inaudível. Ambiente.

Serviu-se primeiro, comeu em completo silêncio, sorvendo entre um e outro momento um gole de cerveja. Terminou, esperou D. Glória terminar palitando e levantou-se para escovar os dentes sem tirar o prato da mesa. D. Glória lavou a louça se comendo de raiva, a água batia no dedo queimado, doía, e ela grunhia:

— Nem uma palavra, nem boa nem ruim. Foi o teste final. Não dá mais!

Quando Seu Mauro passou pela cozinha, já de ceroula, indo em direção ao quarto D. Glória não se conteve, pediu o desquite, com a voz exageradamente agressiva para a ocasião.

Seu Mauro, atônito, parou piscando os olhos.

— Não me venha com essa de desentendido. Eu quero sair daqui! Eu quero divórcio!

Você foi re-pro-va-do!

Seu Mauro ainda não conseguia formular frase alguma. De onde vieram aquelas ideias? Meu deus, ela enlouqueceu!?

Vendo os dois padres apresentando aquela receita, foi como se rerepresentassem a Glória algo que, há muitos anos, havia escondido e mofava debaixo dos cobertores de casal, dentro do armário úmido e escuro, bem debaixo da caixa que usava para guardar os retratos, no fundo do estômago sentia revirar aquilo como uma comida mal digerida, todo aquele silêncio acumulado subindo na garganta como um vômito. Sentia-se amputada e estilhaçada, ao mesmo tempo. Não queria morrer agora, deixe a eutanásia aos moribundos. Fizera o último teste, dependendo do que acontecesse engoliria tudo de volta, ao menos até quanto aguentasse, mas, sabendo previamente da ineficiência de seu marido em provas desse tipo, já esperava sua reprovação de malas prontas.

— Você não entende. Nunca entendeu, nem entenderá — dizia enquanto terminava os últimos preparativos.

Seu Mauro se desesperava, andando de um lado para outro, fingia procurar alguma coisa batendo as portas dos armários.

— E pra onde você vai? Pra casa da Ivete, não é? Claro, vocês não se descolam. Aquela viúva, sem vergonha!

Glória ficou ainda mais eufórica, começou a socar a roupa dentro da última mala, chorando. Ao menos Ivete não havia mofado debaixo da caixa de retratos.

— Glória, veja lá, querida!

O táxi já a esperava na porta quando Glória saiu carregando as malas. Ainda não acreditando naquilo que presenciava, Seu Mauro ainda conseguiu formular um último grito gago:

— Tudo isso por causa de uns petiscos?!

— Você não entende..., não entende — repetiu Glória, olhando nos olhos de Mauro, depois de tantos anos sem o fazer.

Pensando, depois, sobre aquele momento, repetidamente, por anos, Seu Mauro acabaria por entender — somente em partes, é verdade — o porquê daquele súbito levantar de sua esposa, sentado sozinho num sofá. Mas agora... naquela noite,

era-lhe impossível entender qualquer uma daquelas coisas que Glória insistia em repetir. Ela nem exigia mais nada dele, apenas queria ir e foi.

A vizinhança toda já dava com as cabeças pra fora das janelas, percebendo a bagunça no começo da madrugada. Viram o táxi de Glória partir para a casa de sua velha amiga Ivete que, digamos, assim como Padre Roberto e Padre Carlos, adorava aquele petisco de queijo.

Uma, entre todas as cabeças, era a mais diligentemente observadora: a mulher do Teixeira. Competentíssima!

Se confiarmos naquilo que ela relatou ao marido, já duas noites havia se passado e Seu Mauro ainda não tinha saído nem para ir à padaria. Nesta tarde, por acaso, estava ela varrendo a guia, aproveitando que a chuva tinha dado uma folga, e viu o que mais ninguém viu: D. Glória sair do táxi, carregando duas malas enormes, estacionado na frente da casa que deixara há dois dias, de cabeça baixa e olhando pros lados, abrir o portão e bater na porta, que abriu veloz, e se esgueirar pra dentro.

— Certeza que foi Seu Mauro quem abriu, não podia ter mais ninguém na casa, sinal de que eles já tinham se falado antes por telefone... como que eu sei? Mas eu não te falei que não saiu e nem entrou ninguém na casa, Teixeira. Presta atenção, seu lunático! Repare que ela teve que usar umas chaves para destrancar o portão, o que quer dizer que: ela guardou as chaves. Ora, se tinha tanta certeza que queria abandonar o marido pra ir com a viúva, por que não jogou as chaves fora?!... Que picuinha minha, o que, Teixeira! Essa dona aí é que nem coca-cola. Lembra da Clô?

—...

— A Clotilde?

—.....

— Que trabalhava na fábrica com o Lico, mulher do tenente, lá, seu amigo?

— Hum!

— Então... mora na frente da tal da Ivete, cidade pequena tem dessas coisas. Liguei pra ela ontem de noite. Ela disse que a Glória chegou por lá feliz da vida. Bateu palma. Gritou “ô de casa” e tudo, e nada. Sabe o que ela fez, então? Pulou o muro e dormiu na varanda..., bom, não sei bem se foi no chão frio, parece que ela forrou com umas cobertas e usou uma mala como travesseiro. Eu, pelo menos, faria isso. Mas, olha, você não sabe, a Ivete foi aparecer só na noite seguinte e adivinha... ela está embuchada. He, he. Parece que é de um rapaz advogado, que ela estava de rolo. Pelo jeito contou pra Glória e botou ela pra fora. Téia, Téia, ô menina! Mas já não falei?! Banho! E depois eu quero ver se encontro um ovo de piolho que seja nessa cabeça!

No fundo, no fundo, a mulher do Teixeira sabia que não havia sido bem daquela forma, mas preferiu fazer uma conclusão venenosa a um final triste, sorumbático, como realmente tinha sido.

Ivete chegou lá pelas onze, levou um susto, mas abraçou a amiga sem perguntar nada. Entraram, fizeram um chá e dormiram. De manhã, chovia. Ivete contou sobre Milton, que era engenheiro e não advogado, mostrou uma foto, tinha uma pinta no meio da testa, é verdade, mas o que a foto não mostrava era o quanto ele fazia Ivete feliz. Ivete então se calou, tomaram o café da manhã em silêncio, até que, tirando a louça da mesa, Ivete perguntou:

— E então, Glória? O que foi, querida?

Glória chorou, contou tudo e, por fim, perguntou em que armário poria suas roupas. Ivete, olhando fixamente para os sete reflexos coloridos depurados da luz matutina – o sol tinha aparecido ressabiado – que entrava pela janela batendo num vaso de vidro que ficava em cima da mesa, disse:

— Estou grávida.

Saiu da cadeira e sentou no sofá, calada, pensava:

— Essa Glória é mesmo louca. Eu sabia que não devia ter dado tanta liberdade assim pra ela. Começou a bater todos os dias aqui em casa. O que é isso! Agora inventou de morar aqui.

Por que ela acha que tenho de ficar escutando seus problemas? Agora além de escutar, ela ainda quer que eu os resolva. Por deus! Justo agora que estou arrumando os meus.

Glória, catando, com as pontas dos dedos molhados, as migalhas de pão que ficaram sobre a mesa, refletia em silêncio com os olhos embaraçados, estalados de surpresa.

— Grávida! E agora...! Coitada. Logo se vê que não tem coragem de pedir pra eu ir embora. Deve estar pensando “uma amiga nestas condições, pra onde iria?”, mas sabe que sofrerá com a situação: um marido, um filho... uma família e... e eu. Onde entro? Não, não, não! Vou respeitá-la como ela está me respeitando, vou-me embora. Pra onde...? Quando saí, parecia que existiam tantas possibilidades... mas, agora, medindo a realidade, o que me sobra?

— Empresta o telefone, Ivete.

Ivete ainda fez um teatro, primeiro fingindo não entender, depois pedindo o “fique, fique”, mas bastou Glória insistir um minuto que já se calou, era melhor deixá-la ir. D. Glória chegou em casa com um olhar de cachorro que quer a carne oferecida por uma mão não confiável: acuado, porém entregue. Derrotada. Na rua passava uma moto barulhenta, com uns autofalantes adaptados na parte de trás do banco gritando propagandas chiadas. A mulher do Teixeira varria, com as sobrelhas levantadas, as folhas da calçada molhada.

Conto minimaloso nº 3

- Cê é o Gil?
 — Sô.
 — Tó.
 — Ué? Que que é?
 — Sei lá. Té! – e foi.
 — Ôxi!
 — Ô, Gil! Que que era?
 — Ó!
 — Afi!!!
 — Quê!!!
 — É urucubaca!!!
 — Cumé!?! Ixi...!
 — Ai!!!
 — Eaí!?!
 — Dá fim! Num é!?!
 — Tá! Vô!
 Saiu. Voltou.
 — Já!?! Cumé? Deu cabo?
 — ã-hã, têta. Vendi!
 — Eita, ómi!... Quanto?
 — Vixi...! Cê, hein! Tó.
 — Pô, Gil! Só!
 — Só!!! Qué? Qué! Se num qué? Tem quem qué!
 — Ôa, ómi! Pêra lá!
 — Hmm..., ôxi! Tá de lengalenga?
 — Vô pra lá. Tá? Oiá o ovo.
 — Tá! Só que ó: em prol d'eu..., põe páprica pra dedéu
 no quitute.
 — Vô pô colorau.
 — ã?
 — Colorau vem d'urucum.
 — É?
 — Sim, sim. Bêjo?
 — Bêjo... Fofa!
 — Fofa.

Conversão

Estava – aquele sujeito – sujeito, de novo, ao novo. Assobiava um canto no canto da sala de recepção pensando na nova descoberta: “Se estivesse em outro lugar, mesmo tendo a mesma forma, seria outro”. Quando o porteiro – soldado – marcou, correu pro elevador. Entrou no corredor em segundos. Passou o primeiro piso pisando passos, pegadas passadas, dados. Andou até o segundo andar e bateu no quarto quarto. Ninguém estava, arrombou e caminhou até a caminha que ainda chamava as piras que alimentara por tantos meses a chama da pira. “O último encontro que tivemos foi o último”, decidiu. Cravou no colchão um cravo e uma rosa rosa-claro onde encontrou um cheiroso bilhete. Não era seu. Leu. No verso dos versos, viu dois nomes: Ligia versus Mauro. Bordados por um coração de caneta vermelha. “A cobra cobrará!”

Nunca, ou – sem extremarmos – jamais, no passado ou presente havia pensado em presentear aquela garota com algo tão presencial e marcante. Sempre, por todo o tempo, a cada instante sem exceção, em tudo que fizera, fora amarga sua docilidade. E agora o que lhe restava era a parte não consumida, não a sobra, mas o que desprezaram quando não escolheram depois de cobrado.

Partiu bufando, partido, rasgando a grama alta, o mato. “O mato”. Há horas perdera o almoço, tonteava. Pra subir a pressão, comprou um doce, quando deu com o inapetite: “como como?”. Pensava no primeiro encontro: num ônibus, aquela menininha de sardinhas soando naquela lata de sardinha, de saia, ele saindo da hora do almoço, com a manga toda suja de manga – não poupou nem a polpa – desgrenhado, coçou o papo mal tosquiado, ensaiou e aventurou um papo: “Opa!”, “Oi”, ela respondeu. Jogou o suspiro, suspirou, pediu um suco. No balcão do boteco, uma traça cinzenta traçava um traço torto num guardanapo sujo, um gato – lindão - de luz passava na parte de cima do canto do teto. Mais devagar no ódio, concluiu que estaria surtando:

“Todos são tão sãos e eu despertando um acordo adormecido, enganchado numa coisa que já não existe há quinze anos.” E quando ele se viu, só se viu. Abismo, babou. Bem no meio da afobação arranhou um meio de sair dela.

Nunca contou, a ninguém, que contou a terça parte de sua parede central e lá pregou um terço sem ninguém precisar lhe pregar uma grama. O sol de caminhão, de monte, montado em cima de um monte de montes montados pelos arranha-céus espremidos, se via da sacada. Sacou: a vida é uma arma! Executou a execução e nunca mais orou, nem por dentro nem pra fora.

Uma história que me veio de manhãzinha

Ibirarema iria receber uma peça! Quase não acontecia espetáculos por ali, por isso as crianças ficaram que ficaram! E diziam que ia ser de noite, com lua enorme brilhando. O espetáculo era de uma contadora de histórias, muito enfeitada, com cabelos que enrolavam do lado da orelha. As mães botaram as melhores roupas nos filhos, as crianças botaram as maiores fantasias no peito, se perfumaram, que lindo o cenário, aquele povo todo simples, caipira, esperando dar a hora do encontro pro encantamento! Ai. Mas por algum motivo o espetáculo não começava, parece que a moça não havia ainda dado sinal... a assessora de assuntos atrasados ligou no telefone da atriz, ela atendeu, tranquilamente... puxa, pediu desculpas, havia se esquecido, esqueceu que tinha combinado aquele encontro. "Mas mesmo com tantos sinais?" - perguntou já derramada a assessora. Puxa, ela disse, daí parecia uma obrigação, que assim perdia a graça. A assessora tentou explicar que não era "obrigação", mas um compromisso com os corações suspensos daquelas crianças, mas já não havia muito o que fazer... a expectativa ali tinha que ser desfeita. Foi pro palco e falou pelo microfone: "O espetáculo foi cancelado, a atriz esqueceu." As crianças foram pra casa, sem entender direito, algumas choraram, outras viram naquilo o espetáculo e se contentaram. "Ah, vá!", gritaram algumas mães, outras mais pra frustradas diziam: "coitada, esqueceu, né... acontece." A assessora não estava brava, estava um tanto triste, porque também tinha colocado a melhor flor no peito pra ver aquela moça sob a lua. Quando poderia marcar um cenário assim novamente em Ibirarema? Não queria mais machucar aquelas crianças... Nunca mais, na cidadezinha, teve espetáculo.

Conto minimaloso n° 4

— Será que a Tatu tá lá?

— Que Tatu?

— A Tatu dona da data dali.

— Sei lá.

— Já viu? Sei lá quer dizer não sei. Por quê, se lá é ali?

—?

Da utilidade e desvantagem dos porcos para a vida

No dia 13 de agosto de 1949, já em hora extra não paga, João Cabide colocava o último tijolo da construção da pequena usina, um conjunto de quatro barracões quadrados e barulhentos bem fincados no leito do rio. Próximo dali, cinco aldeias choravam olhando pro céu. Uma semana depois o grisalho ve-reador Neves de Caldas Solto Filho e sua loira-aplique mulher apareceram na capa da revista cortando a fita rosa inaugural, em meio aos aplausos de duas dúzias de engravatados sorridentes. Acenderam uns charutos, mas isso Solto Filho pediu pra não publicar.

Sessenta anos depois, num 5 de outubro, a Companhia arrematava mais um leilão, passando por cima da liminar proibitiva vinda do ministério. Mais do que nunca, a região estava desprotegida.

— ...a construção da segunda usina será, inclusive, mais cara para atender as exigências ambientais, ora! – exclamou, na época, o diretor da Companhia, em irritada resposta às manifestações contrárias.

Onze dias depois, as mulheres da tribo pintavam seus maridos, dessa vez eles não choraram.

“Índios invadem e ameaçam explodir usina” – era o destaque da folha do dia 17. Os funcionários que não foram feitos de reféns, invejosos, reclamaram que não se podia mais nem trabalhar sossegado neste país. O sindicato dos funcionários corrigiu a folha dizendo que aquilo não era uma invasão, mas uma ocupação. O editor da folha respondeu, em uma nota, que aquilo não era assunto para peão comunista. A Companhia aceitou negociar e enviou um representante. Os índios se irritaram: não queriam conversar com funcionário, queriam o diretor, vivo.

— Só toca quando estou no banho, que coisa! Ai, ai.

Fechou o chuveiro e saiu, ainda um pouco ensaboado nos cantos. Caminhou apressado com passos firmes no azulejo, nas pontas dos pés, com medo do escorregadio, segurando a toalha no umbigo. Os pingos iam despencando no caminho torto, demarcando-o ziguezague. No meio do sexto toque tirou do gancho.

— Sim?

Um “tu” em Si repetia-se. Tinham desligado. Só então deu-se conta, só, de que eram três e da madrugada. Quem ligaria a essa hora? Ora!

Terminou de se enxaguar. Quando saía do banheiro com o ouvido no cotonete, teve a impressão de ter visto um vulto passando agachado, apressado, correndo ali do lado de fora da janela escura da sala. O que seria?! Parou com os olhos estalados e o coração na goela. Quando sentiu um ar frio escorrer pela espinha abaixo, acompanhado de uma mínima gota restante do banho, tremelicou, avançou arrastando os pés até o quarto, preferia correr perigo vestido.

— Mas... — estancou na entrada do quarto, mirava a janela, os olhos e o coração voltaram à posição tensa. — ...tinha deixado aberta! — murmurou segurando o maxilar.

Sabemos que não é coisa para nos questionarmos cotidianamente e, muito menos, digna de espanto: se deixamos, ou não, a janela do quarto aberta. Quando a encontramos fechada, damos de ombro: está fechada porque alguém a fechou, pode ter sido até nós mesmos e, que por se tratar de um ato tão ordinário, logo o esquecemos. E o mesmo vale para quando a encontramos aberta. Dane-se. Ora, às vezes não lavamos a cabeça duas vezes no banho, três vezes o sovaco, simplesmente porque esquecemos que já o havíamos feito há três minutos? Muitos cometem esses deslizes diante do banal, diariamente, e nem percebem. Pior para o bolso: as contas da água e do sabão aparecem dobradas, triplicadas, no fim de mês. Mas esse rapaz possui motivos para não tratar banalmente aquela janela

fechada. O primeiro dos motivos paga tributo à física dos corpos: estava sozinho, o amigo com quem morava estava viajando, era, então, impossível ele estar em outra cidade e em casa ao mesmo tempo, para, só assim, ser capaz de aplicar uma força motriz, no mínimo, trinta vezes maior que a da brisa leve que faz lá fora, sobre a janela, para que essa se fechasse. Se estivéssemos, no entanto, a falar de física quântica, talvez o coração do rapaz nem esboçasse um mínimo assombro. O segundo motivo tem a ver com roedores defuntos: havia encontrado um rato morto em seu quarto, quando chegara em casa, o que o obrigou a escancarar as janelas da casa para que o cheiro podre fosse embora. Era-lhe, então, improvável que esquecesse que abrisse a janela antes do banho. O cheiro azedo e abafado favorecia ainda mais sua memória.

Correu novamente ao telefone..., não estava tocando, discou os três números da polícia.

Íamos subindo a pé a avenida, em três. Já passava da uma. Falávamos alto, exaltados pela garrafa que levávamos e pela discussão. O assunto era ultrapassado, e nós também: se os Ramones tinham virado mercadoria ou não. Chico era do não e eu do sim, Presley era o bom senso, tanto que ficava no meio e segurava a garrafa. Sempre foi o que bebeu mais. Ia afirmando ou negando o valor das argumentações de ambos, era o juiz.

— Não, não. Isso tá certo, o Joey vacilou gravando aquela música..., também... já estava caquético. Mas mesmo assim ela ficou legal... Sim, mas eles não têm culpa se nos camelôs as camisetinhas deles são as que mais saem. Nem grana eles ganham...

Falávamos com os indicadores levantados, perdigotos, subindo a passos largos. Presley dava outra demorada golada. Aquilo não ia dar em lugar nenhum.

Uma luz forte, vinda não sei de onde, e um barulho alto de motor silenciou o assunto. Antes fossem alienígenas. Antes

fôssemos aquilo que eles queriam que fôssemos. O carro e os homens que gritavam lá de dentro eram enormes.

não!

— Encosta! As mãos ali no muro, rapaz. A garrafa no chão. Vira a cara, não olha pra cá Chico ainda tentou tirar da cueca o pouco que tínhamos, mas um deles viu.

— Virgi!

— O grupo invasor está dificultando a negociação, sargento?

— A situação é tensa, mas o diálogo ainda ocorre. A diretoria da empresa acionou o serviço policial para colaborar na mediação entre as partes e garantimos para a população que estamos operacionalizando isso.

— Mais uma pergunta, sargento... um minuto..., segundo palavras do próprio cacique à nossa equipe, há mais de cinquenta funcionários que estão na condição de reféns...

— ... eles ameaçam incendiar a usina com quatro tonéis de óleo diesel, caso a Companhia não entre em acordo... Estamos aqui com mais de trinta homens, juntamente com o batalhão de choque e a colaboração do corpo de bombeiros para fazer a lei cumprir.

— Mas esses galões não seriam suficientes para causar danos drásticos, até uma possível explosão, sargento? Vocês acham que estão em condições para negociações?... sargento..., sargento, espere, só mais uma pergunta... Bem, Miranda, a situação aqui é tensa. Cléber Parindo para o "PR Jornal".

— Voltaremos, a qualquer momento, com mais informações sobre a situação na usina. E no próximo bloco: violência no Rio. Crescem os números de assaltos à mão armada e o delegado pede aumento do efetivo.

Comerciais.

— ...o Banco Socrop faz tudo, e um pouco mais, por você e pro seu futuro...

— Eram dois – tinha a voz coberta de pavor. – Armados. Entraram pela janela aberta, enquanto eu tomava banho. Fecharam depois, não sei por quê? Tinha deixado aberta, certeza, tinha um rato podre aqui dentro. Como poderia deixar fechada...? – segurou as lágrimas, apertando o nariz com o polegar e o indicador. – Levaram até meu celular, tudo que possui tomada, enfiaram no meu carro, fizeram eu carregar as coisas mais pesadas. Teve até um momento em que um deles veio me ajudar, ou eu o ajudei, não sei..., a levar o televisor pro carro... só me deixaram o videocassete.

— O videocassete? – interrompeu, levantando a sobrancelha, o que escrevia o boletim num caderninho.

— Qual carro era? – atropelando a pergunta do companheiro, os policiais também estavam em dois.

— Escórti, cinza... mas, de que vai me adiantar, pai do céu? Eu liguei pra vocês há mais de uma hora... Agora, que me adianta todo esse questionário?

O rapaz tremia as mãos no gole d'água com açúcar. Recuperou-se do súbito levante, estava muito alterado, desculpou-se. Os dois homens se entreolharam, bicudos. Poderia ser pior ainda se se exaltasse com eles, mesmo percebendo tudo. Queria que fossem embora, terminassem logo esse boletim. Fecharia a porta sem se despedir, a trancaria e depois bambearia para dentro, sentando-se no sofá, abraçaria os joelhos, tremendo, morderia a almofada, apavorado.

— Temos que ir. Vamos fazer o possível. Cuidado com as janelas na próxima vez. Ponha grades.

Bateu a porta e trancou. Nem se despediu.

— Era um puta veado – disse um deles entrando e fechando a porta direita da viatura.

— Hmm... – murmurou o outro, ligando o carro. – Sei não...

— Olha, o cara mora com o amigo. Você viu o porta-retratos na cabeceira da cama? Ele e o amigo, no Cristo Redentor.

Só faltou a bossa tocando de fundo. Sei..., e o pavor que tinha de ratos...! – tirou uma nota do bolso.

— Epa, homem de deus! Eu tenho uma foto sua num porta-retratos, lá no armário de casa.

Você tá querendo dizer o quê?

— Na cabeceira, soldado? Na cabeceira...? Se entreolharam e cascaram o bico.

— Liga no celular do veadinho. Vê se alguém atende.

Pegou o número no boletim, discou. Dois toques e... atenderam!

— Atenderam. Alô... Fala rapaz! Tudo certo aí? Sei... hã... quê!? – e virando-se para o companheiro que dirigia. – O cara do desmanche mijou pra trás!

— Ixi..., tá fodido.

— E o carro?... Sei... numa ruela na saída da cidade – o companheiro ia entendendo a conversa. – E a carga?... Hmm..., beleza..., só uma pergunta: por que não levaram o videocassete do veadinho?...Ah!... tá certo, tá certo. Olha, em quarenta minutos a gente chega, falôôô. – desligou.

— E então?

— Então, o quê?

— Por que eles não levaram o videocassete, porra?!

— Disseram que o negócio é DVD.

— Putz...

Se entreolharam antes de urrarem, estavam extasiados. O que dirigia acelerou, o outro tirava um espelhinho retangular do porta-luvas.

Também estavam em três. Um fazia a revista, passava as mãos em tudo. Em mim, deu uma relojada com o pulso no saco que tenho o roxo até hoje. Um segundo fazia terror, segurava uma lanterna apontada em cima dos nossos olhos.

— Como é seu nome?

— Francisco.

— Tem apelido?

— Não.

— Hmm...Você. Como é que é seu nome?

— João.

— Tem apelido?

— Presley.

Deram risada. Presley adorava enfrentar..., cara a cara. Já eu penso diferente, prefiro as brechas...

— Presley por quê, rapaz? Você gosta de dançar, é?

Mais risada e depois veio o tapa, bem na nuca. O terceiro homem ficava calado, nem sabíamos onde estava. O do terror virou-se para Chico:

— O que é isso aqui?

— ...

— Vai ficar quieto, negrinho...? Mas a gente sabe de onde você pegou. Você vai comer isso aqui! Não quer ficar locão? Então come!

Enfiou na boca e cruzou os braços esperando. O da revista cobrou um pênalti na garrafa, que se espatifou no muro, enquanto Chico terminava a refeição. Depois, verificaram sua goela com a lanterna para conferir se tinha ido tudo.

— Na próxima... – parou no meio da frase, entrando na viatura. Terminou-a segundos depois com uma levantada nas sobrancelhas.

Sumiram tão rápido como apareceram, comendo os pneus.

Ainda em silêncio, esboçamos os primeiros passos, voltando ao rumo. Eu, ainda dolorido, não conseguia acertar as pernas, mas Chico já começava a dar as passadas longas. Agitando as mãos, desabafou:

— Que “Presley” o quê, Presley! Porra, era só dizer que não! Presley pedia desculpas, enquanto acendia um cigarro.

— Não tem desculpa...! Arruma um careta, vai.

— Ué, você não tinha parado de fumar?

— Parei... Empresta o isqueiro.

— Quer o pulmão também? Tenho dois.

O deputado pediu silêncio.

Uma semana e a folha não coloca mais nenhuma nota num canto de página sobre o assunto, até o diretor da Companhia trazer – numa folha limpa, fonte Arial, corpo doze, espaçamento duplo - uma proposta na reunião, onde pechinchava a metade da compensação exigida pela tribo.

O cacique ficou bravo: por acaso estavam vendendo rede? Os outros da tribo deram risada. Interromperam, então, a reunião para discutirem entre si.

— Sala reservada! – bateram na mesa. – Sem mutreta, hein!

Na mesma noite, a usina, junto com os reféns, era pó. O cacique, vestindo o uniforme penitenciário, em algum momento, se engasgando com a raiva ainda parada na garganta, respondeu no dia seguinte em entrevista:

— A briga que vocês estão vendo só tá no começo.

Mas na folha só saiu: “A gente não esperava chegar a esse ponto”, numa quarta página, a última antes dos esportes, sem foto. Uma questão de “pegar o essencial da notícia”, segundo ensinava o editor.

Na gazeta, nem isso.

— O senhor não vai acreditar, mas rapaz, foi por causa do grito do ganso que eu acordei, sêo Tinho. Eu, que tenho um sono pesado que nem chumbo. Mandeí chamar o senhor imediatamente. E digo que já passam das onze, o senhor me desculpe o incômodo. Não é? É que acordei e vi o menino...o ladrão..., lá no chiqueiro é tão escuro de noite...!, só quando o moleque já tinha amarrado as patas do porquinho. Tentei mirar, mas errei o tiro... O fiudumputo ainda foi ligeiro: passou voando pela cerca

de arame farpado, parecia que ela nem existia... Deixaram um pão, lá, encharcado de pinga. Embebedaram e levaram meu Geraldo, com as pernas amarradas. Coitado, são Tinho.

— Pois o senhor fez certo em me chamar, é meu trabalho. Não é?! Se deixar de fazê-lo, não tem porquê vocês continuarem me outorgando tamanha responsabilidade. Não é?! Daí, então, também não terei nem motivos pra continuar contando com essa importância e cobrando esse respeito que recebo de vocês. Agora..., pensando aqui comigo..., isso deve ser coisa do pessoal de lá pra cima da linha do trem. Amanhã, de manhãzinha, vou dar uma perambulada por lá, com uns amigos. Se não acho o porco, alguém há de lhe dar um outro. Fique tranquilo, Cícero.

— Mas, vem cá..., o senhor acha que encontra em tempo o meu Geraldo, são Tinho?

— Ah... São Cícero, estamos a falar de porcos, compadre..., de porcos. Numa hora dessas já deve de ser toicinho com limão.

Tinho se despediu e foi pra casa, apressado, levantando poeira da rua de terra batida. O estômago roncava. Tinha deixado o assado no forno e o filho, todo ralado, cortando a cenoura para a salada.

Conto minimaloso nº 5

- Pó pará! Pó pará, aê! Ô. Pô! Bé! Béé!
- Quéque isso, sô!? Afi.
- Pára, ô songo-mongo! Béé! – buzináva-lo.
- Eia. Queque é?! – a pé na vala.
- Eaí! Délão?
- Ôtra! Ixi, fio. Tá xôxo. Cabô.
- ...
- Neca.
- Mêmo?
- ...de pitibiriba.
- Neca o caralh'à quatro, pô!... Qualé!?
- Shhh. xispa! Prés'tenção inhaca!
- Só. Té! – arrancou longeando.
- Vá lá. Vaza!. ô nóia.

Duelo

A velha-moça, vestida elegante de roupas todas desalinhas, paletó tamanho G, a magrelice no corpo, nas mãos osudas magras o chapéu suado, entoava ao vento, no calçadão da cidade. Poesia crítica, profunda, sensível, começava com algo assim:

“Estão atirando palavras em mim. Palavras que não quero ouvir Que ninguém lhe pediu pra dizer Palavras que me fazem engolir um silêncio goela abaixo...”

Ela brincava com os sons, os símbolos, os significados, as semânticas iam para lados incomuns, entortava e errava o ritmo das frases de propósito... Os passeantes provavam, ouvi-la virava o passeio por um momento.

Ela mexia com questões da política, do governo, do prefeito, algo assim, por aí, dava para entender... mas, era difícil, porque era aberto, parecia que não apresentava uma solução nunca acabada pra gente poder apanhar e sair dali logo, para pegar a loja de cobertor-roupa- cama-mesa-e-banho aberta, que já devia estar pra fechar, se não corressem, que era só hoje que tinha aquela promoção.

Dizia agora coisas do tipo, com os braços abertos pros lados, pra cima, pra trás batendo asas:

“O cidadão honorário,
esse mesmo pisa no seu salário
não entende o falsário
colocando flores mortas no seu armário,
falsário otário, só te encanta o desencanto
sem rima da desgraçada grana...”

Desenhava riscos no ar, círculos, letras. Emendava palavras uma na outra. Sussurrava uns gritos, pulando. Subindo no orelhão, no poste. Respondia em parlendas os risos dos moradores de rua, exaltava-os, provocava-os. Soprava a resposta de perguntas que ela depois inventava, ficava feliz com as

coisas que ainda iam acontecer na próxima esquina, brigava no grito com a fumaça de um escapamento de ônibus. Profetizava alguma mudança...

“A curva de nossas cabeças não serão quadradas...”

Puxava o ar e...

“Pores ao sol! O monte Everest escala alguma subida do mundo que não vê a hora de se abrir pra ser tudo aquilo que poderíamos pensar em parecer ser. O resto já desinventamos, só nos resta sermos cada vez mais juntos e livres! Já desinventamos demais a totalidade que já somos! Tudo é de todos nós! Flores ao mar! Pores ao sol! Acalmar, pra depois acordar! Nossas bundas não serão quadradas!”

Veio o homem bicudo, de arma, dizendo, dando ordens, daí. Que era pra descer dali do alto do orelhão, sair daquelas performances, caminhar ou ir pra outro lugar comprar ou vender alguma coisa, algo assim do tipo ele dizia.

Trocaram artigos de leis, cada um sabia um... uns pareciam ser o mesmo artigo, mas cada um o explicava de um jeito. Mas, rápido o sisudo se cansou de ter de explicar qualquer coisa. Por que é que aquela moça velha ali declamando poesia ainda não tinha lhe obedecido? Era o que ele estourou dando risada nervosa de indignação, olhos estalados pra todos ao redor. Tirou a arma da cintura e disse que era parente de alguém, ou ele mesmo era alguém, não entendi... Questionou até quando iria aquela poesia toda, as pessoas em volta se afastaram, assustadas, saíram andando...

A velha-moça rejeitava o duelo, mas não parava... Disse declamando que ela era aquilo (como iria parar?), e que a poesia sempre poderia mais do que toda aquela truculência, que era impossível as balas daquela arma sequer fazê-la se machucar um pouco que seja.

O duelo existiu, daí, assim, na marra.

O homem chegou mais perto, se faziam caretas, quando a poeta lhe mostrou a língua ele disparou.

Disparou.

Mas, antes de ele disparar, já a coisa se dava em uma cena iluminada por um poste amarelado, o foco de luz só nos dois, dourados em contraste duro. Naquele casal de orelhões siameses verdes com a poeta em cima de pé, mexendo os braços, a multidão em volta às cabeças na semiluz desse cenário. Um as sirenes chegavam de longe, detrás no fim da rua.

Num ápice de vozes e sons, a poeta mostrou a língua, recebeu o tiro no peito. Caiu, cambaleou com sangue na garganta e escorreu ela mesma até o chão com os olhos fixos nos olhos do outro. Seu tombo silenciou a todos, as sirenes chegaram sem som, brilhavam tudo azul-azul-vermelho-azul-azul-vermelho, estendeu uma das mãos no asfalto, mexeu uns dedos e morreu.

E aquela morte também era a poesia declamada, e aquela morte ali naquela poesia a fazia mais forte, imensamente intensa, se condensava, virava imprescindível, retomava as palavras todas do rapaz - ditas antes. A poesia esteve passo a passo em todo o longo tombo e estava ali, rodeando tudo e se compondo, ainda mais forte. E ela não tinha sequer sentido uma fisgada de fraqueza que seja, até a dor lhe compunha, até o cheiro daquela pólvora... Era uma poesia dura, crua na cara de todos, crescia desde o big bang, imensa, se compondo, se esparramava, lambuzava todos os poros dali daquelas paredes, daqueles carros, os poros do céu, das pessoas, das luzes, os poros das sombras..., vinha do começo, do passado mais inicial de tudo e continuava, encharcava, para todos os lados. A poesia tinha vencido o duelo, venceria todos, a poeta sabia que era invencível, não tem como, inderrotável.

Conto minimaloso n° 6

— Ô, moça!

— Hm?

— Preciso í.

— Hmmm. – manhou.

— Hm-hum. – afirmou.

— Hm hm. – negou, laçando as pernas com as suas.

— Hmm. – fingiu braveza.

— Tá. – soltando.

— Hmmm...

Ficou. Só mais um pouquinho.

Ela Eu

Era uma vez Eu.

Olha! Era Eu! Ela e Eu.

Eu ia pro quarto, Ela ia também.

Ela ia trabalhar, Eu não trabalhava, mas ia também. Tinham coisas que Eu fazia sozinho, mas Ela estava junto.

Ela, bem de vez em quando, queria ficar sozinha, mas nesses momentos Eu sempre estava agarrado nas suas pernas ou abraçadinho no colo dela.

Eu era bonito, Ela adorava...

Eu fazia charme, Ela paparicava...

Eu tinha febre, Ela não entendia, não sabia nem o preço de uma aspirina. Ela dava amor, Eu quase sempre melhorava.

Tinha dia que Ela chorava, Eu sabia, a abraçava, mas também não entendia, ficava olhando pros olhos dela e sorria com alguns dentinhos, Ela quase melhorava.

Teve um dia que pareceu que acabou tudo.

Até então, toda vez que olhava pra trás, Eu encontrava Ela bem perto, quando achava que Ela tinha sumido era só um susto, no máximo era Eu cruzar o corredor pro outro cômodo e Ela estava lá, mexendo nas coisas dela. Ufa!

Mas, daquela vez não. Eu procurava...

— Onde Ela se enfiou?

Um salão enorme, uma menina brincava com um carro que era de brinquedo que um menino dizia que era dele que gritava para uma senhora que apontava o dedo como nunca tinha visto e usava uma meia branca estranha grande demais que lembrava a cor das camisetas de todas crianças que corriam e sentavam para logo em seguida pular e correr debaixo de uma sombra de um teto que lembrava teto de quadra de futebol de salão que inclusive alguns jogavam bola e bola de gude enquanto um pegava o outro no corre-corre do pega-pega cansados suavam a camisa branca da cor da meia comprida da senhora baixinha que fechava o portão e trancava. Clec!

— E Ela?

— No final do dia. – responderam. Eu tremia.

Foi um dia estranho, eu sofria, mas no final do dia até gostava e depois ali Ela apareceu e tudo bem, desde que nunca mais isso acontecesse. Mas, acontecia.

Foi quando escrevi uma carta, de uma frase só e deixei no vidro da penteadeira:

“Tá difícil ser só eu no meio de tanta gente.” E ia brincar, fazia sol. Mas Ela chamou:

— Não é só você se tem tanta gente.

Não era fácil não ser mais só Eu e Ela, expliquei.

Eu chorava, mas tantas choravam ali também. Eu era bonito, mas de beleza pra todo lado tinham várias, uma mais ou menos que outra, mas várias. Eu era só um no meio de vários? E Ela, achava outros bonitos?

— Tudo é bonito. – Ela me lembrou.

E como que Eu iria ficar? Agora que ficou tudo bem bagunçado? Eu era certo ou o que os Outros faziam e diziam é que era? Por exemplo, quando Eu ia atacar pedra na janela... tinha os que não faziam e os que diziam que era o que há de mais divertido... o que Eu escolheria?

Eu sentia doer quando Ela deu a bronca:

— Não esperava que fosse fazer isso! Por que fez isso? Eu meio que não sabia.

— Então, procura saber!

Eu, procurando, ia entendendo, crescendo, ficando mais firme e sabendo mais quem era e o que queria Eu. Eu já era um “homenzinho”?

E, assim, Eu andava me aconchegando mais entre os Outros e um tanto menos com Ela.

Até Aquela lá aparecer e Eu ficar absolutamente bobo.

Me escondia, mas queria aparecer... para Aquela.

— Quem é Aquela lá? – perguntou Ela.

— Quem? – disfarçando.

— Aquela pra quem fica todo coradinho e olhando?

— Não sei, não conheço. É uma feia!

— É nada, é uma gatinha! – e era mesmo. Aquela tinha uma beleza diferente dos Outros?

Um dia deu frio, num passeio, Eu e Aquela, mais ninguém, num encontro sem querer. Passado um tempo ninguém sabia mais quem era quem.

Até Ela falar:

— Você precisa ser mais Eu! Está muito misturado com Aquela lá.

Já era tarde. Eu estava completamente perdido? Aquela levaria Eu para longe.

E Ela? Procura Eu no cômodo ao lado quando ouve um barulho, mas nunca foi Eu. foi uma pombinha que entrou pela janela para beliscar uns farelos de pão na cozinha ou um gato derrubando vaso e foi se esconder atrás da cortina.

Conto tridimensional nº 1

Tirando-lhe de sua desatenção cotidiana, aquele menino jogado no chão – parou com os olhos estalados (sentira algo [aquilo que o faz ser {essência} ele mesmo] vindo de dentro através de um vômito), sentindo como que um embrulhar – com sangue saindo pelas narinas, o fez chorar de alegria de perceber-se vivo.

Entre Sinório e Nâmora existe um vão

Se viram no meio da tarde desde bem longe, um só via a silhueta do outro no horizonte ventando no cume do morro. Era um reencontro, um tanto previsível, quase que bastante inevitável, tanto que quando sentiram o cheiro da presença do outro lá de longe abriram uns pequenos sorrisos tortos cerrados pra eles mesmos, daqueles irônicos quando se percebe o jogo do destino. O céu estava azul-azul-azul, era um morro cercado de pequenos penhascos de paredes formadas por pedras enormes e brancas, um capim rasteiro seco e duro, ventava lá em cima. O reencontro tinha mesmo o seu tanto inevitável, mas nunca era esperado por nenhum dos dois, pelo contrário, sempre se angustiavam quando pensavam na possibilidade desse momento.

Se aproximaram, olharam um pro outro, nem se cumprimentaram, nem era preciso.

Havia ali uma pequena espécie de alegria medonha na situação.

Sinório e Nâmora se conheceram quando moleques, milênios de anos atrás. Em um mundo muito diferente do mundo em que os dois se reencontraram. Foram criados soltos, moleques pelados correndo pra lá e pra cá nos chãos de areia do vilarejo, com suas casas de estacas de pau seco de telhado baixo. As casas sempre estavam sendo derrubadas ou sendo montadas de novo, todo o vilarejo quase a todo tempo em incessante reforma, mas nunca se transformava por inteiro ou chegava-se a construir grandes prédios porque sempre as construções eram interrompidas por uma mudança de estratégia dos donos dos casebres, que quase sempre derrubavam tudo o que tinham até então armado para reiniciar a partir de uma nova ideia, de maneira que os poucos casebres de pau seco fincados na areia pouco duravam, tudo era sempre desmanchado.

Na medida em que iam crescendo e se percebendo no mundo, Sinório e Nâmora foram também percebendo as diferenças que tinham um do outro. Nâmora, por exemplo, nunca

entendia por que Sinório se irritava tanto com essas ininterruptas reconstruções de tudo no vilarejo.

— Deveriam parar de se preocupar tanto com paredes. Tudo sempre mudando de lugar, consertando, batendo martelo, essa barulheira... - dizia.

Nâmora já via sentido naquilo, apoiava até.

— Olha, Sim, - chamavam-no assim pelo diminutivo por causa da estatura baixa de Sinório — é difícil ficar satisfeito com as coisas como são, eu mesmo nunca gostei de algo, de qual coisa que fosse, por completo, sempre tem um ponto que seja que discordo.

Com o tempo, Sinório reparou que aquela reconstrução interminável do vilarejo vinha de uma indecisão que se estendia em todos os aspectos da vida dos seus moradores, era como pensavam e sentiam... Começou a perceber que, dentro dele, florescia um sentimento diferente de como estar no mundo que se afastava muito dos moradores do vilarejo, mas parecia que só pra ele aquilo fazia sentido. Nâmora ainda conseguia lhe entender, em partes, apesar de discordar das conclusões.

Um vez, Sinório conversando com Nâmora em cima de um monte em que podia se ver toda a extensão do vilarejo e o horizonte que se estendia desértico, apontou que notara que os moradores do vilarejo nunca aceitavam nada, mas também nunca rejeitavam nada, tudo ficava sempre suspenso, indecisos se tomavam o caminho da direita ou da esquerda acabavam por ficar no mesmo lugar, mas quando ficavam no mesmo lugar pensavam que talvez fosse inconveniente ficarem parados, daí se moviam, para logo pensarem que tinham talvez escolhido a opção errada e voltavam para ir ao outro caminho, mas quando decidiam retornar pensavam que talvez fosse melhor continuar mesmo com a possibilidade de ser o caminho pior a se fazer, daí lembravam que talvez fosse melhor ficarem parados para logo surgir a dúvida e voltarem logo a caminhar, só nunca sabiam pra onde... de modo que o que os fazia se movimentar nunca era a certeza ou a vontade de ir a algum lugar, mas a dú-

vida se seria melhor que ficarem parados. Nãmora viu muito sentido naquelas observações de Sinório, só discordava em alguma pontos, Nãmora sempre discordava, dizia sempre que só conseguia pensar sobre as coisas discordando delas, era o jeito dele, desde pequeno.

Mas os dois, naquela época, ainda conseguiam se entender. Nem Sinório, nem Nãmora haviam formulados os conceitos que depois iriam mudar a maneira dos homens sentirem o mundo.

Isso começou a se dar quando estavam entrando na fase adulta, foi quando começaram a pregar as formulações que haviam concebido, quase como profetas espalhando as novas ideias no povoado.

A ideia de fazer discursos às massas veio primeiro de Nãmora, já então ficando conhecido como “Namorão”, devido ao seu tamanho - havia se tornado um homem muito alto, com uns ombros ossudos tombados para frente, quase corcunda, tinha uns gestos meio rústicos, falava grosso e alto, Nãmora passou assim a ser o Namorão ou, simplesmente, Não. Assumiu uma radicalidade de pensamento e postura que começou a desgostar Sinório, que aos poucos foi se afastando.

Inusitado que o que disparara o radicalismo dos conceitos pregados por Nãmora fora as observações de Sinório a respeito do comportamento dos moradores do vilarejo, Nãmora foi aos poucos ficando angustiado com a constância do comportamento indeciso de todos, era de seu caráter negar o que lhe aparecia e começou a tentar mostrar a todos com quem conversava que era preciso discordar daquele comportamento. Mas foi seguindo esse trabalho de convencimento que percebeu aos poucos que para conseguir ele próprio negar tal comportamento era preciso se envolver numa negação mais profunda, era preciso negar as indecisões. Foi quando foi questionado: o que restava quando se negava a dúvida, se excluía o talvez? Nãmora sempre respondia, então, simplesmente: “Discorde, sempre discorde, somente isso, e siga.” Ninguém entendia muito o que ele queria dizer com aquilo, naquela época, mas começaram a se apegar

a ele e quanto mais se apegavam, mais Não discursava “desapeguem! esqueçam isso de concordarem, discordem até disso que estou dizendo!” e mais cresciam seus seguidores, sem realmente entenderem crescia ainda mais a indecisão entre todos, Nâmora se desesperava.

Sinório, preocupado com os rumos da situação, foi visitar o amigo. Encontrou-o sentado num tronco caído de uma árvore seca. Nâmora logo começou a explicar o que andava pensando, explicava com os olhos estalados que tinha enxergado um caminho para todos se libertarem, era um caminho que exigia muita disciplina, mas que o estava levando à verdade. “Negar” - exclamava - a todo momento as propostas dos outros e também suas próprias, negar essencialmente até tudo que sentia, tudo que percebia e estava na mente, negar o som, o vazio, quem supostamente somos... Sinório discordava profundamente do caminho que Nâmora lhe descrevia, Nâmora se ria: “É isso mesmo! Entendeu bem. Discorde!” Sinório respondeu que sua ideia fixa de negar a tudo era - no fim das contas - uma afirmação, dizia que Nâmora deixava de discordar quando então afirmava que “discordar” era o caminho. Nâmora respondeu que era exatamente nesse ponto que toda a sua proposta deixava de pertencer ao nível da racionalidade comum e dava um salto para a negação de tudo, que ninguém, nenhum de seus seguidores (que recusava), tinha compreendido e que ele nunca explicaria, porque afinal aquilo nunca seria explicado, mas sentido. Sinório saiu dali inconformado.

Foi desse encontro em diante que Sinório começou a articular as suas ideias se tornando tão radical quanto Nâmora, mas num outro extremo. Enquanto um dizia “negar!”, o outro começou a dizer “afirmar!”, afirmar e receber a tudo como vinha, tudo estava como deveria estar, apenas era preciso estar aberto para abraçar tudo, sem nunca discordar. Sinório pregava que quando estamos sentindo dor - ou qualquer outro sentimento assombroso que fosse -, nunca deveríamos negá-lo, mas aceitá-lo com todas as nossas forças, pois se estamos sentindo a

tal dor é como o universo quer que estejamos naquele instante, deveríamos afirmar o instante como era, o presente como se configurava - independente de qual seja a sua característica de então -, apenas assim o sentiríamos por completo, deixando o instante estar ali por inteiro e afirmando-o.

Nâmora ria, sarcástico, daquela conversa toda: “Como afirmar uma coisa que inexistente?”, discordava ele, “tudo inexistente, por isso tudo deve ser negado até o máximo fim”, e se calava, cada vez mais falava muito pouco.

Com o tempo os dois deixaram de se ver, Nâmora se cansou de ficar no vilarejo e saiu vagando, negando qualquer fixidez de moradia, negando ser uma pessoa só, com um nome. Sinório também migrou dali, dizem que seguindo uma brisa que ia em direção ao sul. Suas ideias, por razões e meios desconhecidos, se espalharam - deturpadas - em várias regiões.

Foi quando começaram a se fixar escolas que pregavam a “doutrina do Sim” e a “doutrina do Não”, respectivamente inspiradas pelos pensamentos de Sinório e Nâmora, escolas que - em muitas delas - iam se distanciando muito da essência das ideias iniciais. Livros compilados, debates foram deflagrados, reinterpretações foram se criando, a tal ponto que há pouco se tornou corriqueiro o uso dos termos “sim” e “não” como parte da conversa cotidiana, isso sem quase ninguém conhecer a história da origem desses termos, como se isso fosse menos importante.

Mas, por todo esse tempo em que suas ideias eram propagadas sem se darem conta, Sinório e Nâmora seguiam cada um pelo seu caminho, sem deixarem rastros por onde passavam, imperceptíveis, cada vez mais tênues em seus aparecimentos públicos, a tal ponto que chegaram a declarar algumas vezes que tinham morrido, mas sempre tais boatos se desfaziam por sinais - tão irrefutáveis de sua veracidade quando sutis - que deixavam espalhados por várias regiões para garantir a todos que ainda estavam vivos e silenciosamente caminhavam pelo mundo, delicadamente, cada um pelo seu caminho.

Foi quando se reencontraram, naquele morro de capim rasteiro e seco, atravessados por um vento forte, num céu muito azul.

Quando se viram já tinham poucos resquícios de um olhar estalado, uma voz imperiosa, frases com exclamações, julgamentos na ponta da língua ou o ímpeto de nunca se considerarem errados. Ambos estavam mesmo bastante mansos, controlando a vontade de se colocar no território do outro, já avançados no caminho de deixar o outro ser. Nem se cumprimentaram, nem era preciso.

Conversaram, com poucas palavras, muito sobre a imprevisibilidade do mundo, de como sua maneira de todo dia se apresentar completamente inesperado dificultou encontrarem um ponto fixo para se firmarem em alguma verdade. Sinório relatou bastantes causas em que se viu em situações difíceis de serem afirmadas, percebeu que algumas precisavam mesmo ser negadas. Mas, quais? Sinório explicou que nunca quis que fosse o seu juízo o parâmetro para negar ou afirmar algo... isso lhe soava doentamente egoico. Nâmora, com os olhos lacrimando, lembrou para Sim a compreensão que um dia havia chegado, contou-lhe que negou tanto a tudo que acabou chegando em um sentimento inesperado tão intenso e presente que lhe foi impossível negá-lo, um sentimento que lhe ensinou a deixar de precisar evitar tanto as coisas do mundo como fazia, pois tinha motivos dessas coisas estarem ali, mesmo que tais se tratassem de ilusão, e revelou que era sobre esses motivos que agora pesquisava, em seus caminhos.

Ambos estavam em dúvidas tão agudas, parecendo tão sérias, mas no ápice da seriedade do diálogo se riram. O mistério era enorme... Então, se abraçaram e, assim, de braços cruzados e os ombros grudados, desceram o caminho que levava ao velho vilarejo.

Conto tridimensional nº 2

Joana, segundo me contaram – porque não sou de mexerica na vida de ninguém (nem de minha filha [a mais nova {a outra ...como dizer... já casou}das lá de casa] nos seus mexericos) que não peça – lá embaixo, depilou tudo!

Esperava alguém voltar

Esperava alguém voltar? Ia todos os dias no mesmo lugar e se sentava, olhando pra frente. Todos os dias, no mesmo lugar se sentava do mesmo jeito, em uma guia, olhava pra frente, nada mais, parado, ali na areia, na frente dele o mar. Esperava alguém voltar? Respondia sempre que não, fazendo sempre uma cara de quem não entendeu a pergunta, reperguntando a pergunta da gente pra gente que ia lá lhe perguntar. Tentava entender o mar? O ritmo do céu? Não. Pensar na vida? Lembrar de alguém? Fugir de alguém? Não. Descansar da existência? Trilhar o caminho da iluminação ou do ascetismo? Hm!?! Não... não. Mas que era essa mania então de repetir a repetição da mesma mania?

— Nada de mais. Deixa eu. - fintava algo do tipo.

Não tinha outro jeito, nem mudava de jeito. Um dia respondeu, pro filho só, quando achou que cabia no menino:

— Que você fica vindo aqui, no mesmo lugar sentando do mesmo jeito, pai?

— Lugar?

— Sim, aí nessa guia, assim.

— Ah, lugar eu sento sempre no mesmo, mas todo dia eu sinto coisa diferente.

Outro dia, quando o menino já pescava lá os seus dinheiros, simplesmente se levantou e se abduziu dali.

Deram por falta, é claro, cortou a paisagem de estar sempre ali aquele homem. Cadê?

Ou cortaram com ele?

Puxa vida, a guia ficava bem de frente, à vista da janela da família do falecido coronel... e já se iam três dias, cadê?

— Foi encontrado boiando lá no rio do mangue... - contaram correndo pro filho.

— Meu pai!?! Morreu !?! Ah... - estalou. O mensageiro abriu o sorriso:

— Quando viram ele boiando no rio de barriga pra cima, ele cuspiu uma aguinha pra cima, que nem baleia... Disse pra você encontrar com ele lá daqui a um pouco.

Correu, andou um pouco, correu de novo e encontrou o pai deitado, largado no monte de areia só com os pés no rio, deitado mesmo respondeu:

— Daqui pra frente é sempre aqui quando quiser falar com seu pai.

— Ué?

— Já estava lá começando a sentir repetido.

E fez lá uma cara de preocupado.

Mais uns dias pra frente, de manhãzinha, quando ia pegando a maçaneta da porta pra sair pro rio, voltou pro filho sentado ainda no café da manhã:

— Não adiantou, meu filho, mudei de lugar, mas ainda continuo sentindo repetido... passei lá nos morros também, não adiantou...

— Não sei como é isso, meu pai, nunca entendi muito... seus jeitos...

— Parece que agora as coisas é que são sempre diferentes, mas daí o que eu sinto é sempre igual. É assim com você?

O filho entortou a boca e encolheu os ombros: não sabia.

— Acho que é tédio, pai.

— Hm. E dói?

— O quê? O tédio?

— Sim, esse tal.

— ... acho que um pouco.

— Então não é, porque isso não dói de jeito nenhum.

Tentou outros lugares, uns cantos escondidos... tudo diferente mas no mesmo. E se sentia do mesmo jeito, então tanto fazia o onde estar, voltou pra guia.

— Voltou a sentir diferente, pai? - encontrando numa noite cheio de penumbras o pai marejado de emoção serena, os olhos repisados no brilho.

— Hm? Não. Ainda sinto o mesmo sempre... igual.

— E tá feliz, não é?

— É que esse mesmo... é tão bonito.

— ...

— É que ele é grande e eu demorei pra reparar.

E viveu assim, aquele homem, o seu pra sempre, percebendo a cada vez um pouco mais daquele mesmo enorme.

Lá pelas bandas das cidadezinhas

Com a belezinha dela, cumprimentava firme quem a encantava: "oi". Desprevenido, respondi: "oi, tudo bem?", ela rodopiou os sapatinhos e foi parar em outras coisas.

Já no ônibus, olhava a janela, recebia o vento no cabelo despenteado amarrado numa trancinha. Balbuciava alguma cançãozinha pra ela mesma balançar a cabeça, mastigando uma bala melada, interessada em todo mundo, olhava sem receio algum de olhar um tempão.

"Já tâmo chegando?", a mãe respondeu algo sereno, ela ouviu a resposta calada, olhar perdido lá fora pra luz amarelada dos postes da estrada que ligavam uma cidadezinha na outra. "Olha, mãe! Ele tá escrevendo alguma coisa!"

Fingi que não percebi que tinha sido percebido. "Ele tem barba".

Um tempo depois iam descendo, a mãe alertou de descer com cuidado as escadas, que era pra descer com calma e pra olhar onde pisava, ela borboleteava.

Saiu brigando com a fumaça do escapamento do ônibus, saíram caminhando... segui viagem.

Noite sem luz nem lua

Acabou a luz. Numa noite sem lua, todo o bairro num escuro. Um senhor de idade já para várias rugas, todo sujo nas dobras da roupa – de paletó ombrudo, parecendo que vinha dormido no chão, chamava a atenção zonzando com cada braço indo prum lado. Mantinha um olhar estalado, talvez com medo, talvez assustado, talvez os dois, berrava uns minúsculos trechos musicais errando firmemente as letras para massa que todos ali conheciam. Desceu no oitavo ponto soltando um salve para o cobrador ou podia ser também um xingamento, cambaleando pelos degraus.

O religioso de terno e gravata observou as cambaleadas com um olhar de cão de guarda, moralista como todo cão. Saltou no próximo, ajeitando um livro dourado debaixo do braço.

O coletivo se enrola no cruzamento de farol apagado...

A mocinha contava para a amiga sobre alguma novidade tecnológica que a loja em que trabalhava vendia muito. Ela mesma ainda não tinha, mas tinha um parcelamento que era ótimo, sem entrada, se quisesse era só falar com ela que arranjaria tudo. Vinha até com uma lanterninha embutida para momentos terríveis como este! Desceu com quase mais uma venda fechada no dia, os mais jovens olhando pra sua bunda, alguns com desviadas mais rápidas, espertas, quase imperceptíveis. Ela, nem aí.

Dois desses de olhares velozes grunhiam, um para o outro, algo sobre a queda de energia, o de boné reclamava que não poderia assistir ao filme que alugara, o outro de que não poderia tomar um banho quente, um terceiro entrevistou reclamando ainda do valor da tarifa cobrada pela companhia. Desceram fazendo uma piada sobre a vantagem que era ficar dentro do ônibus em vez de descer: ao menos ali havia luz.

Tinha, também, uma moça de mochila nas costas, viajava discretamente no coletivo, se equilibrando nos canos amarelos. Não havia entendido a piada, “o que brilha com luz própria nada

pode apagar”, pensou. Mantinha um sorriso que lhe empregava à cara um natural gosto pela vida, como se gozá-la fosse fácil, afinal nunca compreendera, ou nunca fora capaz de aceitar, que muitos sofrem por serem eles mesmos, ora! bastava manter uma inocência desperta, espontânea, como uma capa desprotetora, em todos os momentos que encarassem o mundo. Ela pensava e agia assim, e assim ninguém a maltratava, assim ninguém conseguia enganá-la, pois não acreditava nunca no engano. E como era linda com aquele cacheado despenteado... Morava longe, desceu lá no penúltimo ponto, atrás de uma madame que saíra batendo os tamancos na calçada. Com as mãos no bolso, esperou o motorista dar o arranque parada na guia, depois cruzou a rua. Num descampado perto de sua casa, deitou-se de barriga para cima, fazendo da mochila travesseiro, olhando pro céu, sem lua, mas com as constelações fervendo por todos os lados, passando o dedo desatento em volta do umbigo.

Conto tridimensional nº 3

Nas pontas, estava sem qualquer força – que pouco tempo antes (quando ainda sentia- se dentro [era o tal {o centro de tudo} de qualquer lugar em que andasse] naquele todo) tivera de sobra – de voltar a enfrentar o mundo, da extremidade.

O besouro do planeta romã

A romã tem uma teinha de aranha em sua coroa de bufona. Ali passeava um minibesourinho cor de tesouro. A romã amarela com as bochechas rosadas salpintadas. Ia explodir de tanta vida, por isso era até planeta pra outras vidas... o planeta romã, onde viviam os romanáticos, nunca conheceram a dor de garganta.

Um dia, voando do céu pousaram uns bicudinhos. Trilinciscaram arrunhando furo no cheião da romã. Piavam agudos afinadinhos fininhos num assobio-bio-bio tremilicadinhos drilho-drilho, pareciam piar "dá romã, dá romã, drrr, dá romã". E a romã se abria toda vaginal lábio, embicavam. Caiu que de repente aquele besourito, tão esplêndido qu'ouvesse daquele formato serzito-vivo com cabeça, casco, patinhas, antenas, movimento, tudo, e ali, quase um quase-nadinha vivendo seu cotidiano, carregando seu minizinho-coraçãozeto pelo seu cotidiano, como todo vivo, como todos nós. Pois, foi esse besouretito que desequilibralhado caiu-se. Láá em baixo.....

.....o cair foi longo susto incompreensível e repentino, inédito. Biz-bizou o inseteco enroladinhas no arbismo em velozqueda, afofando o baque do impacto com o duro que o chão tem n'uma brisinha de instante antes com a abertura - sagazmente - das asinhas cor d'ouro- cobre rubi fosco, arredondadasinas, abridas, pousou suave.

Mas, assustado.

Aflito que olhou pra cima a distância altíssima a romã lá em cima. Aberta, bucho pra fora as sementes de películas transparentes, algumas tinham caído a sua volta. Deu uma volta com o olhar e sentiu com as anteninhas o espaço vasto ao redor. O que seria tudo aquilo?

...a partir daqui é mais tensa nossa história, não sei se escondo parte dela ou ela inteira. Talvez melhor nem continuar nesses assuntos, talvez melhor te ocultar a respeito daquela visão imensa que o besourito teve... e da luz... tinha uma luz, atrás

daquele imenso ser que pairava no ar, melhor não te amedrontar com o que aconteceu... Vou contar só um tantinho...

O mundo se revelou imensamente misterioso e no alto da cabeça do besouro batia uma alada, asas ex-lagarta, largas amarelas de textura fina como folha de cetim, amareláá, amaréela, amá!

Que medo.

Besourinho se encolheu, era quase cisco, ou isso cisco, naquele medonhomedo que se assombrava porali... e saiu, a borboletona pra outros baixos céus... flapt, ufa daqui, flapt, ufa de lá, porque os dois um estava assustado c'outro: num desencontroutro bagunçante. Demorou o a si do desromãizado besourecoco despencado. Quando já, patinhas parando de tremer, debaixo das folhonas sucolentas d'uma berdoega que havia se escondido num instante, re-reparou lá luz, parou hipnóiatizado...

...quanta paz violenta os ultravioletas lampadiavam nos olhos, zzzureta. Como abduzido, zizou duro asando na fixidez que a luz propunha sem possuir querer só ela luz. Foi arredondeninhando o calor, do brilho, mais brilho, o calor... que força intenciné dita pro bichinho! Sentia o desaparecer. O todo-luz? Mais que luz? Vibrava em grau rachável, tremelecou: o casco duro do besoureto deu toc curto no vidro da lâmpada? E de altura que voou tombou, virado... agoniado, ou se divertia?

Uma sombra imensa no contra-luz tapou-lhe o sol, nem reparou nisso naquela. Já ficava sufocado de umbigo pra cima casco pra baixo, as patinhas acariciarranhando o arimpalpável céu acima, enquanto fazia inúteis voltinhas, que de começo parecia-lhembravam uma desengondançazinha e que agora estavam mais para sufoco mesmo quase divertido. E o que d'ond'veio aquela montanha - com cabeça olhante e orelhas? - que fazia sobra de sombra e mais sombra pela geogramafia d'ao redor? Gigante mitoilógico, descrível pelo bizbichinho se ele notasse, mas não notava (mas, vai notar, calma).

O que notou arrepiado, tentando desespero, foi uma minhoca cavando bem. Escorregava arejando a terra logo ali e

vinha britando lisa e rápida em direção dele. O quê!?! Dele. Dele? Sim, dele dele.

A minhoca olhou co'seus'olhos cegos e pulsou seus dez corações - que carregava em seu cotidiano, como todos nós unicárdios. E, com tanto coração, compriiiemdia o besourico em ponta-cabeça no seu dificultadestino, e sentia muito mais pra todo lado e foi o que fez ela escorregar cavando pr'um lado dos lados, tranquila após uma assembleia interna da dezena cardíaca que morava junto ao alongado-esticaaado peito fino. A mesma paz tinha nos sentimentos do bizzzouro tons d'ouro. Tudo já vem explicado nesses territórios do mundo e da vida porque se sente e quase é só, se o mundo deve ir pra lá ou pra colá pro besouro isso não lhe cabia, nem praqueles fungos esparramados ali do lado, cabia o mundo e a vida como eram, não tiravam opinião. Daí o dançar naquilo que seria sua ponta-cabeça-posição fatal, indesvirável se não fossem aqueles dedões... dedões que cutu-cavam pra desvirá-lo, de leve pra não machucar. Cutu... cutu... cutu... Pondo intenção essa às suas mãos uma meninalinha magrelinha de dedinho-dedões, cabelões, enroladões, também o nariz e bicudinha. Murmumurava e sussussurrava com ela mesma questões além-óbvias, além-ela, algo sobre a morte e detalhes supremos transparentes, trilhava em etecéteras e tais, pairava anuviada. "Jussara", nem ouviu a mãe dando tchau, "já volto!".

E quem liga pra um inseto só assim? Vai que alguém, melhor seguir pro desfecho do real que passou da história tão acontecida. E o que se já se passou é real?

Sente: numa solavanrancada, ajudada, se esticou contorcionista e se desvirou, saiu que veloz dali escorregando as seis pernazinhas aflitas no piso liso cor vermelho-terra. Ia corria na direção da sombra d'uma raiz... mirou pra cima e mijou pra baixo, era uma árvore encarável, de tronco durão manchado nas melaninas do casco elegante, no alto os galhos se enredavam nas folhas da romãzeira, lembrou o besouro sua época de ouro... talvez sentisse saudades – essa vontade que cai num buraco e se machuca com o vazio que topa –, talvez encontra-

se outro fruto tão cheio de vidasplendor como sua romã terra natal, se caminhasse...

...valia a pena, a asa, o casco exausto: o voo. Deu pra chegar até quase à metade nesse impulso repentido do resto que tinha (e se foi) de foco, calma e força - onde é que exista um reservatório dessas imanações invisíveis fundamentais, quase vazio estava. Tinha de respirarvorecentrar antes, um pouco.

Ainda ali, viando o ar, deixando as energias enigmaticamente autorrecriarem-se – como eternamente – pro corpo continuar seu exercício de gastá-las. Ali, naquela típica renigmatiquenergização percebeu o pássaro pescossudo, albino, que lh’olhava como encara, mira, olhos vermelhos glaciais bisonhas glândulas, de cima de um muro.

Viu – do meio do tronco – ainda... viu, do verbo sentir, a menina ainda voltar procurando e achando um outro besouro dêdebaixo alá do tijolo velho. Achava e se enganava qu’era o mesmo bicho ou servia-lhe mexer com idêntico apenas só?

Mexeu foi às asadas o pássarossudo, decima do muro, chiou ronrouco parecendo engasgado, mas era assim mesmo o soturno: penas meias esfrangalhadas alvas-encardidas, uns patões de pé mais estranhos. No tronco pousou atravessando, abordante, o caminho do bizzouro, sem deixar brechas bicou seco.

T’um.

Dois.

Em cima. Dentro.

A primeira rasgou o peito e umas patas, a segunda pre-gô-o moído no galho. T’rês.

Na terceira mastigava-o na ponta do bico.

Ali ameaçou pouca esfacelada resistência que logo desistiu sem gássss vital... Acolheu... entregou... viu a vida que a morte lhe trazia e expirou... acalmado.

E o passarego, levemente mais pesado, alçou vôuô des-nivelado, para fora de nosso cenário. E lá.

O homem triplicado

Olhe..., foi numa noite de insônia. Um copo de leite puro e adormeci. Ato sagrado herdado de minha mãe e minha infância.

Sonhei que você, vindo não sei de onde, habitava dentro de mim. Demorei um tempo pra me acostumar com sua presença, mesmo tendo se adaptado facilmente ao novo lar, respeitando minhas inquietações, agindo tão discretamente que às vezes nem o notava. Fui telhado, massa-corrido e pintado. Passou duas mãos de tinta, pregou uns quadros, me mobiliou. Agia quase sempre como se fosse eu, podando as ações que não lhe interessavam e me deixando na condição de um casco que cobria um oco. Geralmente, lembrava de sua existência quando saía você para seus constantes passeios matinais, de minha boca sai uma estrada de tijolos vermelhos que se perde num campo vasto com gramíneas das pradarias, daquelas que se estendem até quase o infinito num horizonte limpo. Sentia-me angustiado com aquelas suas andanças sem rumo. Um dia, você andou para além da estrada e se deitou abraçando suas canelas numa rocha esverdeada de musgo do tamanho dos meus olhos. Nesta posição, adormeceu tremendo ao vento seco que esfriava a pradaria e sonhou um sonho parecido com o meu. Neste, em você também morava um ser, que se armava com sua sensibilidade e usufruía suas sensações. Este terceiro passava quase todo o tempo contemplando, como numa janela, aquele silencioso horizonte através do campo de visão de meu ocupante. Ficava a grunhir algo de quase completa incompreensão, não fossem claras as expressões de descontentamento e inquietude. Até que, numa noite, ele saiu a passeio com os pés descalços pra sentir o macio alegre da grama que tanto o impressionava. Dando um salto, caiu rolando no chão soltando uma gargalhada, quase se engasgando, Aah, ah, depois veio trotando em minha direção sem se quer olhar para você, que roncava profundamente. Parou em frente a uma de minhas orelhas, a esquerda, mais precisamente, que estava

mais próxima ao chão. A cavidade de meu ouvido lhe parecia com a entrada de uma escura caverna, tamanha era sua miudez. Entrou. Começava a me preocupar, tentei dizer alguma coisa, gritar pra ver se lhe acordava, não consegui, estava petrificado. Roçou com as unhas roídas nas paredes de sua caverna e balbuciou lá de dentro, ecoando medonhamente, Eu já não gosto mais de leite, e saiu coçando as costelas, rindo até perder o ar. Já longe, encontrou uma sombra bem definida, onde se deitou. Nisso, minhas percepções e sensações já tinham se esfacelado por dois seres que as transgrediam e as tragavam. Já não mais sentia, tinham me repartido e me modificavam, fui aos poucos me perdendo. Não sabia mais quem eu era e, o que ainda sobrava de mim, torcia para que o terceiro não adormecesse.

Conto tridimensional nº 4

A dor, todos sabiam – afinal cachorro não tem estômago (come até merda [inclusive de cavalo {esterco} de esfíncter solto] se quiser) pra esse negócio de massa – que fora a macaronada, vinha de dentro.

O Menino que tinha tudo

Tinha sentado num ótimo lugar. Fazia dias que não tinha a mesma sorte. Gosto de me sentar afastado da entrada para evitar conversas de aposentados e o trânsito na roleta, de preferência numa cadeira única, as que ficam do lado esquerdo no ônibus.

Verifiquei a ausência de rostos conhecidos, o que me deixou bastante confortável. Repudio conversas na viagem, sinto-me desgostoso. Nada pior que o embaraçamento numa falta de assunto quando o conhecido nem é tão conhecido assim. A dormência com meus pensamentos me basta.

Nesses pensamentos notei que todos notavam um garoto mal vestido passar por debaixo da polia, sob o olhar admirado, porém quieto, do cobrador. O rapazinho não possuía, visivelmente, mais idade nem tamanho para tal direito, o que o obrigou a fazer uma difícil acrobacia para transpassar.

— Dá o passe!

O cobrador notara que, mesmo passando por debaixo, o menino segurava uma amassada passagem com as mãos pequeninas cor de cobre... Isso, o menino era negro e suas mãos de um acobreado escuro, me lembro... Com uns dedos ossudos que confirmavam sua baixa alimentação e sua difícil existência.

Parado, o olhar e a cabeça erguida era de enfrentamento.

— Não. Por que eu tenho que pagar?

O cobrador ficou rindo com um ligeiro sinal de negação com a cabeça. Tímido... cedeu, mas o menino não.

— Ah, tio barrigudo! Quero ver você me pegar.

Olhando, notei o cobrador, pela primeira vez no ano letivo. Possuía realmente uma saliente barriga paterna. Seu grande ventre e um inexorável bigode negro provavam ser um pai de família exemplar. Sua pequena estatura, seus cabelos penteados e um olhar de pelúcia lhes davam um ar de simpatia.

Percebendo o desprezo do recebedor pela sua passagem, o garoto se pôs a escolher um assento de agrado. Ainda com olhar agressivo, ele vinha. Todos evitavam trocas de olhares

fingindo se interessar por algo do lado de fora do veículo. Na verdade, o medo negava a existência, ser invisível era a meta. Um instinto me fez segurar intensamente minha bolsa, apertá-la para sentir se ela estava ali mesmo e mostrar que eu podia protegê-la. Seria mesmo um instinto?

Só agora me dei nota que já o vira antes, o rapazinho ficava frequentemente no meu ponto final, vagueando, sempre a pedir algum trocado pra sua alimentação, conversando com todo mundo. Já até pedira a mim, várias foram as vezes, nunca lhe dei um óbolo sequer.

Ele arrumava assunto para falar com todos os passageiros, possuía aquela mania de falar alto, quase gritando, que quase toda criança tem. Conversava com um, galhofava, zunia com outro, mas ninguém lhe dava a menor atenção, todos fingiam não estar ali, tentavam, ainda, a invisibilidade.

— O tio querendo pegar meu passe, o tio barrigudo! Tia, por que você paga? – silêncio. – Não tem que pagar não. Por que você não passa por debaixo da roleta?

A pergunta se dirigia para sua companheira de banco. Todos perceberam que era para ela. Sem chance ou saída, resolveu responder, com uma voz doce e um ligeiro sorriso com ar de professora primária.

— Sou grande, não passo por debaixo.

— Então passa por cima.

O sorriso da mulher se modificou e possuía agora um ligeiro movimento de negação com a fronte abaixada, semelhante ao do cobrador. Com o mesmo tom, resolvera alongar:

— Você não é muito novo pra andar sozinho, não? Cadê sua mãe?

Sabiamente, escorregadio, o menino alterou o rumo da conversa sem responder. Pareceu não gostar da pergunta. Mas a mulher insistia na vida pessoal do menino, o que, visivelmente, não o agradava.

— Onde você mora?

— Moro bem longe... Resolveu falar do futuro:

— Você tem que estudar...

— Pra quê? – interrompeu. – Tudo que eu quero eu consigo. A viagem prosseguiu em silêncio.

Após algum tempo avistei o ponto onde normalmente descia, era em frente à escadaria de um restaurante universitário, um cheiro esfumaçado de comida brotava do refeitório, era hora do almoço. Descemos, o garoto, a mulher e eu. Ele voltou a falar:

— Você vai comer hoje aí? – a mulher não respondeu. – Você quer comprar meu passe?

Já que eu não dei mesmo...

Reparei que a mulher reparava no olhar que o menino fixava em sua bolsa cor salmão, dessas de carregar embaixo do braço de alça pequena, uns bordadinhos amarelinhos em pétalas mostravam sua determinação e paciência para educar seus alunos, se fosse realmente professora. Segurou-a e afirmou que não tinha dinheiro, apenas passe para ir embora.

— Passe?! – exaltou o garoto.

Desconcertada e com sorriso amarelo, caiu em contradição:

— Não, não tenho...Vou de carona – mentindo.

— Então tá, já tô indo – pela primeira vez o menino falava baixo.

A mulher subiu a escadaria de concreto apertando o passo com um tamanco escandaloso.

O menino coçou o umbigo e veio em minha direção já tirando algumas moedas do bolso.

— Você não tem um trocado pra me ajudar a inteirar?

Dei-lhe duas moedas pequenas que ele juntou com as outras, soltei uma baforada de contentamento por entre os dentes. Percebendo que eu olhava para as moedas, estendeu-me:

— Ó quanto dinheiro eu tenho, tio.

Abri um pequeno riso e balancei a cabeça em negação, gesto parecido com do cobrador e da mulher... engraçado...

— Quanto?

— Eu não sei. Conta pra mim, tio?

Enquanto fazia a soma da dúzia de moedas:

— Que você faz com este dinheiro?

— Eu como. Tô juntando pra almoçar.

Depois de contado o montante, atentei que ele possuía bem mais dinheiro que o necessário para o almoço.

— Já dá pra você almoçar, sim.

— Você vai agora? – perguntou.

— Vou.

— Eu vou com você.

Olhei para cima, mas não levantei a cabeça, apenas os olhos. Logo choveria, o azul era predominante, abordava até as nuvens, geralmente distintas do céu, porém no momento estavam cooptados, unidos. A nuvem parecia o relevo do céu. Um cenário intenso, feio até. Não me veio nenhuma ideia para despistar o garoto, me sentia arrependido de tê-lo ajudado.

Quieto, tomei o rumo do restaurante subindo a escadaria. O garoto exitou, coçou a orelha e falou que pegaria mais dinheiro e almoçaria depois.

Perceptível este menino, pensei comigo, me sentia arrependido de tê-lo ignorado, coitado. Faz tempo que não vejo ele lá.

O que ocorreu no entardecer de 13 de Agosto no cemitério São Roque de Piratuba

Em homenagem a Piraju, Angatuba, Assis, Marília, Jaboticabal, Tanabi e São Francisco de Salles.

ATO I

Maria Rita tinha os cabelos roxos e não gostava de Inês, que não tinha os cabelos desta cor, mas que odiava Bete, a responsável por Isis, uma menina que nascera sem um pé e a quem a falta de tal dificultara seu convívio social, e acarretava crises depressivas na menina. O pai de Isis, São Adilson, passava os dias com Hugo, seu companheiro de copo, que olhava para Pitolomeu Borges, âncora do jornal de notícias regionais, que recitava as previsões da frente fria chegando. Bruno já tinha dado um beijo em Daniel, que gostava de caqui e de Bruno, filho de Inês e Hugo.

Tempos passam e em Piratuba não para a chuva, o que impedia o enterro de Verônica, filha abortada de Isis (acidente), que insistia no enterro, como pedia o padre Tonho, sem dar ouvidos às reclamações da família, já cansada do mau cheiro do feto. Dois meses e três dias sem estiagem, até que as nuvens, já com dores nos rins, abrissem espaço para o sol, brilhoso, olha lá.

— Sol!

Os piratubanos foram todos pro parque da igreja esquentar seus corpos e tomar cerveja. Só Isis que, ajudada pelo seu irmão João, o pai do defunto, corria em acabar os detalhes do caixãozinho. Poderia agora derrubar algumas lágrimas na lápide de uma filha, coisa que passou a desejar em segredo desde que assistira o último capítulo de Maldita Cor, ex-novela das oito, onde Cláudio Castanhade interpretou Binho, um pai que tinha um filho morto.

Corre que liga para todas comadres pra avisar do enterro, acaba que só quatorze das trinta e duas aparecem para romaria de carregar caixão até o cemitério, que ficava a três quarteirões

abaixo da casa de Dona Júlia, presidenta da associação regional de espaguete. Seu preferido? A molho pardo.

Verônica odiava tomar sol, mas agora nem liga. Acontece que o cemitério São Roque estava todo alagado e, com a ajuda do vento, as águas acabaram por descobrir as covas de Dona Maria, de Borges, primo de Daniel, do antigo marceneiro Miltinho, de Clara e de Matilde, papagaio de Adilson, o pediatra que gostava de churrasco e de Matilde.

Isis e João, carregando o caixãozinho pelas pontas da frente, foram os primeiros, e depois foram as comadres, a presenciarem o cemitério e os corpos expostos.

— Ai!

Gritou Isis soltando o caixãozinho que se despedaçara no chão, Verônica, parecendo que de propósito, rolou até o meio-fio. Alguns minutos e a cidade já fica sabendo da situação, poucos são os que aparecem.

ATO II

De roupas pretas, braços dados e a passos lentos, por causa da idade, adentram o cemitério Inês, com seu nariz reto, e Hugo, magricela caboclo de boné vermelho enfiado até as sobancelhas.

— Nossa, que horror!

— Que horror.

As conversas entre os dois sempre se davam assim, enquanto ela afirmava, ele (piscando os olhos por trás dos óculos fundos de garrafa) respondia.

— É aqui que descansa o falecido Miltinho marceneiro.

— Quê?

— O Miltinho..., dorme ali.

— É. Aqui mesmo.

— Coitada da Clara, só de lembrar...

— É. Coitada.

Miltinho tinha matado Clara. Há uns dois anos ela – morena com sardinhas na ponta do nariz – pedira pra ele – de corpo

queimado e forte – consertar a porta do seu banheiro, problema que Miltinho chegou bem na hora que Clara adorava tomar banho. Nunca foi tão difícil arrumar uma batente, como jamais houve banho tão demorado na história de Piratuba. Pela primeira vez o coração duro de Miltinho amolecera, tinha finalmente se apaixonado e prometera para si invadir a casa de Clara e declarar aos seus pés tal paixão. No dia seguinte, com uma flor na boca e uma chave de fenda na mão, arrombou a maçaneta da casa de Clara entrando na ponta dos pés. Encontrou a moça sem roupa, na cama com três orifícios do corpo tapados pelo trio de zaga do Piratuba F.C., tinha também o lateral direito, o Deneval (esse corria muito, sempre puxava os contra-ataques) que só estava de olho, foi o primeiro a fugir pela janela. Miltinho não aguentou, uma lágrima lhe fugiu, a flor caiu no chão e o coração voltou a endurecer. Enfiou três vezes a chave de fenda no ouvido direito de Clara, depois caiu babando com parada cardíaca.

ATO III

Os meninos Daniel e Bruno, assim que souberam da bagunça no cemitério, amarraram umas sacolas de plástico nos pés para não sujar as botinhas na lameira e correram pra lá. Chegando, foram direto pra cova de Borges, primo atropelado de Daniel. Estava com o corpo pré-adolescente já todo exposto e levemente decomposto, ao contrário de seu caixão já todo moído. Daniel contara a Bruno as brincadeiras com seu primo em tardes claras de domingo, trancados no quarto enquanto as mães batiam a massa do bolo de cenoura do café da tarde e os pais discutiam o futebol dando uns goles.

De olhos vidrados, Bruno ajudou a tirar a calça de Borges enquanto Daniel abaixava a sua. Deixaram o menino defunto de bruços, com a cara enfiada na lama, posição fácil para Daniel reviver as tardes de domingo.

— Humm! – enquanto o amigo se divertia, Bruno se masturbava com os olhos fascinados pela cena.

— Onde já se viu isso!?

Padre Tonho viu a cena e logo correu para exercer seu dever de censurar os meninos, mas na pressa tropeçou nos braços de Dona Maria, caindo com as mãos em cima do joelho da defunta. Reconhecendo o corpo, fez um sinal da cruz e desistiu dos meninos. Dona Inês encostou rápido ao lado do padre, olhou pra Dona Maria e disse, toda maliciosa.

— Essa era danada de devota.

— Muito.

A cinco covas dali, Isis estralava o dedo por causa do desespero:

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! – de cócoras gemia entre os dentes enquanto embrulhava sua filha num cobertor.

— Tá vendo, meu filho? Isis paga um preço cada vez mais alto dos erros do passado. Vê se segura essa minhoca e não faz igual. Ai... se ela lembrasse da cara do sem-vergonha que embuxou a coitada... Ixi, minha senhora! Só por Deus!

— Ah, meu Deus do céu, que calor! – suava João.

— Por quê, meu senhor? – gritava Isis com uma mão nos olhos e a outra arrancando o barro do chão molhado com as pontas das unhas. — Isso não se faz com um filho seu, que lhe ama, meu senhor, que lhe obedece e lhe dá quase tudo que tem, meu pai! Eu sei que essa dor é um preço pequeno pro que fiz, mas... meu pai, por favor, alivia. Ai meu Deus, alivia! – caiu em prantos. — Vai, João, me ajuda que a cruz não é só minha.

Num canto longe de todos, o sol já insistia em baixar, junto estava Hugo, sozinho contemplando a cova de Miltinho, seu velho amigo morto. Resmungou com um sorriso leve, enquanto dava uns tapinhas saudosos na tampa do caixão.

— Esse era gente, putz – chorou.

Uma lágrima de lembrança não cai, despenca. Ainda hoje, mais de meio século depois, ainda se recorda em Piratuba do dia em que os mortos saíram de suas covas para se banharem na chuva.

Beethoven, eternamente

Era a iluminação baixa do velho anfiteatro universitário que escondia as rachaduras e dava a tudo um aspecto acobreado vertiginoso, além de dor de cabeça em míope. Acopladas, idênticas, quinhentas, banquetas, de estofado, avermelhado, ficavam, chumbadas, uma nas outras, perfeitamente enfileiradas, em cinco desníveis, em forma de degrau. Viradas todas. Na direção de um baixo palco pretendente a portentoso. Onde o professor palestrava. Centrado na cadeira do centro. De microfone. Os alto-falantes espalhados pelas paredes que repetiam berrando o que o professor dizia e a arquitetura da sala já recomendavam a quem chegasse: “sente-se e escute, que o burro que fala é ele e o que baixa a orelha é você”. No patamar, atrás do degrau mais alto, a porta envidraçada, que insistia em ranger a cada novo curioso que entrava e a cada entediado ou atrasado que saía.

— Eis o cordão umbilical de um gênio...! – segurando o pote de vidro.

— Oh! Que coisa grotesca! – por entre o lenço tirado do bolso: ânsia.

— ... Fita morta, culpada das acusações sofridas pelo seu sombrio e zeloso guardião: Necrófilo! Cotólatra! Doente! Holfw Van Beethoven, tio de Ludwig, era, na verdade, um fascinado, por música, beterrabas e pelas pirâmides dos faraós. Esta última monomania levaria- o a embalsamar mais de quinze placentas de amigos e parentes recém-nascidos, entre elas a de Ludwig. Guardava-as num sigiloso sótão, num armário que só abria as portas para que seu filho conhecesse o – até então – inútil e, no entanto, impecável tesouro de órgãos cadáveres. Talvez pelo delicioso sabor discreto do mistério, o armário úmido transformou-se em tradição familiar, e perdurou entre as gerações, até nossos dias, como se o aroma retardador da podridão vindo dos órgãos banhados em formol acabasse por impregnar também as madeiras do velho armário e a responsabilidade do segredo

herdado. Vejam como um hábito doentio acabou por legar uma magnífica matéria-prima aos artífices da ciência do século XXI. Notem como o insano atingiu seus objetivos de forma tão bem acabada através de Holfw, a ponto deste utilizar-se de técnicas inteiramente racionais para efetivar seus desejos desvairados. Notem, vocês, agora, como a desrazão utilizando-se da razão provou-nos ser, também, razão ao nos legar a possibilidade de presenciarmos, com todos o seu brilho e nuance, a alma do maior gênio da música...!

— Oh! Que gesto!

— ... Nossos ouvidos desajeitados, acostumados às atonalidades mais tortas e aos cromatismos mais encaixados, poderiam agora se prostrar humildemente, com a maior de suas capacidades, prontos a captar e aprender, pois estariam diante de um verdadeiro mestre, algo escasso nas últimas gerações. O solo secou a muito, esquecemos como cultivá-lo e as pétalas do artista, do novo, da poesia não mais desabrocham, a flor atrofiou. E sem ela, percebemos agora, tudo não serviu pra nada. Querem mais justificativas éticas do que esta? Felizmente..., repito, havia nos sobrado a fria e, cada vez mais, grandiosa ciência. Poderíamos, enfim, voltar a aprender como criar e, financiados pela A. C. C., diga-se de passagem, recriamos nosso mestre através de um broto embalsamado que velava um patrimônio genético florescido na época em que o homem ainda possuía a verdadeira riqueza criativa de sonhar: o fogo do novo! Não podemos nos esquecer de mencionar a invenção surgida dos laboratórios iranianos: os espermatozóides de silício, sem os quais também não seria possível tal feito. Ludwig Van Beethoven está novamente entre nós para quebrar esta corrente que nos aprisiona no senso comum! Só não sabemos onde.

Sentado, de braços cruzados, na última fila, na cadeira mais próxima da porta de saída, estava Bernardo. Meneava a cabeça, como se todo aquele discurso fosse absurdo. Ria-se quando pensava em sua grande ironia: estar ali. Entre o cabelo raspado, profundos vincos no rosto e a barba a muito esqueci-

da, mantinha um nariz redondo e um olhar de ferro que agora parecia mirar para além das paredes do anfiteatro, tal a centralidade de sua atenção. Há vinte e oito dias procurava se manter em lugares quase invisíveis, porém estratégicos como este, se afastando arredio do convívio e das apresentações em público. Já o chamaram de misantropo, taciturno, calado, na dele, sereno, recluso, fantasma, segundo plano, espectador da vida, sombrio, silencioso como um gato, abatido, trancado, nas nuvens, solitário, fechado, obscuro, apagadinho, indistinto, sossegado, misterioso, lunático, quieto, silente, melancólico, soturno, lúgubre, fúnebre, insociável, sonhador, de canto, enigmático, nebuloso, nubiloso, recolhido, torto, bicudo, sisudo, reservado, calmo, tímido, parado, morgado, discreto. Tudo isso em menos de um mês. Acontece que variava por todos estes e muito escutava. Não entendia por que tagarelavam tanto, por isso não o fazia. Além, é claro, da discricção indispensável, pois sabia que era procurado, caçado tal como aquele cão que não aceitara a vida doméstica e, deixando de comer para emagrecer, escapara pulando por entre as grades do portão. Procuraram, até com retrato no jornal, mas nunca mais foi visto.

Queria ouvir a divulgação de sua fuga, após quase um mês de investigações secretas, ao mundo. Fazia um esforço terrível, pois já percebia a chegada inevitável do brumoso silêncio que cobriria seus ouvidos pelo resto da vida.

Procurou as horas. Estava atrasado, como de costume. Pegou a maleta e saiu, murmurando licença mal-humorada. Rangeu. Depois de xingar a falta de óleo das dobradiças e um provável culpado pela falta, correu em direção ao estacionamento ajeitando a gravata. Se não estivesse engarrafada a avenida, chegaria em treze, entraria no banco com dívida de sete, quatorze, sobe um, doze.... Até arrumar o caixa, baixar as notas e conversar um assunto inadiável com o outro caixa, já se passariam mais uns vinte. Nada muito comprometedor, acabou por aceitar cancelar a tal conversa inadiável, assim diminuía o atra-

so. Pagava para não ter de ouvir os chiados do subgerente da seção, de quem dizia que, obviamente, não tinha nada a dizer.

No meio do expediente já havia re-roído todas as cutículas, seu corpo se retorcia no balcão, torto.

— Por quê, quando somos crianças, as possibilidades da vida se demonstram, no mínimo, imensas? Podemos querer ser astronauta ou, até, jogador de futebol, presidente ou skatista profissional, de bombeiro a atizador de fogo. Depois vamos crescendo e a vida vai se afunilando, até chegar o ponto em que nos vemos preparando nosso currículo para entrarmos numa fila que quebra a esquina, ainda sem nem o sol ter nascido, para então implorarmos por uma vaga na burocracia de uma enorme e pesada instituição... As pernas, quando pisam no chão, diminuem muito, os seus passos são pequenos e chega-se até a admirar, invejando, que alguém possa ter o privilégio de escolher entre encarregado da seção de não alimentos ou secretário-recepcionista. — pensava, enquanto sorria.

Após nove horas resolvendo complicações financeiras dos clientes do Banco Socrop e mais uma no engarramento da volta, Bernardo se jogou no colchão improvisado no chão do quarto alugado tentando acertar a respiração e calar a mente inquieta.

— Como até as minhas vontades ganharam roupagens diferentes desde de que escapuli. Antes, acordava arrependido de ter acordado, abria os olhos e já me vinha um “por que todo dia tenho que acordar, por que todo dia, todo dia tenho de viver?” ou “não posso hoje morrer e amanhã vejo se vivo um tanto?”. Vivo agora para recolher material para meus sonhos. Noto o cansaço vindo. Os olhos pesados. O amolecimento. A poesia brilha em cada canto inusitado! Sólida como uma pera, líquida como uma lágrima, gasosa como um reflexo fosco. A cada nova linha lida, a cada tomo de criança, a cada olhar perdido de mulher no ônibus, um despertar de uma revolta, uma letra triste contrastando com a música alegre, me carregam os ombros. Os arrasto e pesadamente os solto, sem medo do tomo,

no colchão deixo os sonhos saírem de suas tocas, de início arrepios, depois abafadores, entram roendo aquilo que a lucidez se esquecerá de carregar em sua saída às pressas. Acordado, volto à labuta, fuçando com o olhar, procurando aquilo que me faça dormir, sempre com a dúvida: do que me meus sonhos gostam? Será que vão gostar disso aqui? Ai! E esse zumbido barulhento! Não é alimento nem para os meus pesadelos.

Estourou a barriga de um pernilongo – madrugada quente – na parede, usando a ponta do indicador. A mancha de sangue que grudara no dedo mostrou que o mosquito, astuto, no auge da loucura, já havia se antecipado. Achou um pedaço de pano, mas preferiu se limpar esmigalhando-o na parede: desenhou, usando do sangue como tinta e do dedo assassino como pincel, fez um olho. Já, nele, tudo terminava em arte, até a morte, sem nem notar. Só conseguiu enfim desligar-se após passar as mãos nas cordas do violão recostado na parede, empoeirado.

— Mi..., lá..., ré..., sol..., si..., mi... – soltaram as cordas enferrujadas.

“Amanhã tenho que acertar a luz”, foi seu último pensamento consciente e adormeceu, tranquilo, eternamente, o mosquito.

*

De manhã, enquanto mastigava de boca aberta, passando a manteiga na bolacha.

— O afamado clone de Ludwig Van Beethoven foi encontrado nesta tarde pela guarda costeira americana. O fugitivo dirigia-se ao estado de Uzkhuklan, México. Perguntado sobre os motivos da fuga, o homem que carrega o peso dos genes do maior gênio da história da música erudita gritou simplesmente: “eu não sou um experimento!”. A polícia encaminhou o prisioneiro ao oitavo distrito californiano onde foi feita a confirmação genética. Seria o momento de botar numa balança todos feitos e objetivos da ciência de nosso tempo?!... É o que nos responderá o médico Filipis Morins, no próximo bloco.

Desligou o televisor com os olhos aturdidos. A fisionomia do fugitivo na reportagem não negava uma estreita semelhança

com o original Beethoven. O olhar duro, atento, o nariz arredondado, os cachos grisalhos nas têmporas! Usava até uma casaca alemã do século XIX.

— Assim ele estava praticamente se entregando! – pensou consigo Bernardo.

No celular discou o número do psicólogo. Hoje não iria trabalhar, a situação se complicara.

— Afinal, quem sou eu? Você está me entendendo? Você já me entendeu algum dia!?! Acreditei realmente, doutor. Eu, que só queria a ignorância de não saber quem eu sou. Por um mês andei pelos cantos na tentativa de passar despercebido, deixei a barba crescer, raspei a cabeça pra parecer o menos possível com o tal e olhe que eu nem o conhecia, nunca o tinha ouvido, até um tempo atrás, quando me deram um disco e pediram para que eu escutasse em segredo. Gostei tanto das músicas que queria ser o seu autor, ficava indignado por não ter sido o homem que havia concebido aquelas grandiosidades antes. É muita prepotência... Seria caso de esquizofrenia?!

— Hmmn...? Ah! Olhe..., mmm..., talvez você tenha percebido, Bernardo, que a vida só é devidamente degustada quando criamos. Quando aprendemos a focar tudo aquilo que conseguimos deter, dessa imensidão que a vida nos oferece, numa nova contribuição para a eterna criação do original, do inédito, do novo. É difícil vislumbrar uma ideia, aliás é a coisa mais difícil que já tive a oportunidade de realizar. Fácil é ruminar pensamentos já antigos, repetir o já posto. Como sempre digo.

— É... Tentei compor. Arrisquei escrever alguma coisa, mas não parecia ser quem eu era.

— Sempre acharemos que nossas criações são ruins, não autênticas, se elas não forem realmente algo novo. Beethoven talvez tenha sido a máscara que encobriu este seu vácuo de criações, tão constante hoje em dia.

Cismou calado, mão no queixo e bico oblíquo. O médico parecia querer deixar o silêncio formar dois monólogos absortos, calados.

— Deixe para a próxima. Acabou nosso tempo, pense nisso em outro lugar.

— Até, doutor.

Levantaram-se das cadeiras.

— Ôxi!

— Quê?

— Din-din.

— Ah! Cartão?

— Qual?

— Socrop.

— Ô.

Lá fora esperavam-no um camburão, oito policiais, o representante do Conselho Nacional de Bioética, o acionista majoritário da Advanced Cell Corporation, o representante do CIBE (Conselho Internacional de Bioética), um helicóptero, sua filha, os representantes de quatro telejornais, quinze de jornal impresso, dois de rádio, um de um ou blog ou flog, bop, cia, além de trinta e seis curiosos que completavam a horda de cidadãos guardiões.

Lá dentro, o psicólogo olhava para a porta lhe chamando de traste.

— No entanto, nunca meus bolsos estiveram tão cheios!
— bradava à porta.

Os três pontinhos dos três pontinhos

Bom dia e boa noite aos ilustres membros da academia. Somos, por mais estranho que pareça, os três pontinhos, ou melhor, falamos aqui em nome dos três pontinhos, pois um de nós não está presente por motivos urgentes que aqui viemos, com a licença dos senhores, esclarecer.

Primeiro gostaríamos de levantar – tomou a palavra o segundo ponto, numa postura solene – que a revolta e levante de nosso irmão vem nos causado extremo constrangimento e desinteresse da comunidade pelo nosso trabalho. Não sabemos direito mais o que representamos e a procura diminuiu muito, nos deixando num estado de entorpecimento e dormência. Nos vemos cada vez mais amolecidos e perdendo o gosto de existir, vivemos uma vida muito fria e sem gosto comparada com a que levávamos quando nosso irmão estava conosco.

Sim, tempo de auge, de muito trabalho – retornou, abruptamente, a palavra o primeiro ponto –, porém, também, extremamente exaustivo, sendo essa sobrecarga de responsabilidades um dos motivos de reivindicação de nosso rebelado irmão. Gostávamos de trabalhar em prol do ritmo da narrativa, ali sempre nos sentíamos bem, confortáveis entre as palavras, nos víamos bem acolhidos e efetuando importante papel à comunidade. Trouxemos aqui uma, já amarelada fotografia, de nossa época de ouro:

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Sempre nos emocionamos quando vemos fotos do passado e me faz lembrar a importância de nosso trabalho pra história de nossa língua, nos principais escritos – na maioria deles – estávamos presentes e, lhe garanto, realizando impecavelmente a nossa tarefa. Reparem que nesse trecho que trouxemos, nós

três estamos quase sorrindo, vejam só! Ali representávamos o ritmo da narrativa, uma respiração, uma suspensão da história contada, gostávamos de fazer cumprir este papel de vitalidade da narrativa – éramos a respiração, tanto para o escritor quanto para o leitor e, assim, nos víamos com uma brilhante e fundamental responsabilidade em nossas mãos. Mas, logo a sobrecarga – que citamos – se iniciou, começaram a nos usar como substituto do burocrático “etc.”. Nada pessoal contra o etecétera, apenas não gostávamos de sermos vistos daquela maneira. Achávamos – na época – que estavam, de certa forma, minorando a nossa magia, afinal éramos as poéticas e belas reticências, um trio famoso pela sua singeleza e leveza, para, de repente, começar a sermos postos em um papel burocrático. É claro que estranharíamos tudo aquilo. Um copo d’água, por favor.

Mas, aos poucos – o segundo ponto aproveitou da brecha e tomou a palavra – fomos percebendo a magia daquela função, também. Víamos o etc. como uma entidade burocrática, de início, mas, aos poucos, começamos a enxergar suas possibilidades poéticas, era, também, um trabalho de suspensão. Quando, por exemplo, numa frase se elencam vários elementos e termina-se por convocar o etc., indicamos que para além daqueles elementos mencionados existem outros que poderiam ser lembrados e citados, mas que por hora já estava bom. Aprendemos, então, a ver a magia desse papel, de fazermos as vezes de uma extensão da memória, de uma memória que não quer mais continuar falando de tão extensa que ela é e, assim, começaram a nos convocar para designar esse vasto horizonte incabível na narrativa em questão e começamos, assim, a enxergar o etc. de uma outra maneira.

É. Mas, foi esta abertura que demos que abriu brecha para começarem a nos sobrecarregar. De início, tinha mesmo essa magia que o segundo ponto está citando, porém, começamos a nos preocupar quando começaram a finalizar textos conosco. Deixando após os três pontinhos um imenso vazio! Isso lá era papel dos três pontinhos? Quem lidava muito bem com isso

era o ponto final, que sempre fechou muito bem os portões da narrativa, aliás, que gigantesca responsabilidade esta de fechar a saída das palavras! Era muito pra nós, até porque não conseguimos fechar a frase final, deixando-a em suspenso, devido a nossa própria natureza. E assim, não só a frase final, mas o texto por inteiro ficava aberto, em suspenso, como que requerendo uma continuidade que não vinha. Nós, sempre acostumados a sermos seguidos de uma multidão de palavras e pontuações, sempre no meio do bolo, de repente, nos vemos alçados no final, ali, depois de nós só o silêncio da página, do espaço, do mundo, nos víamos suspensos no vácuo, uma angústia estomacal quando começaram a finalizar imensos romances daquela forma, nos sentíamos como num desfiladeiro de enormes montanhas num deserto pedregoso onde tivessem nos colocado para servir de trampolim para um abismo, um trampolim frágil de madeira carcomida, era assim que nos sentíamos quando olhávamos pra trás e víamos todo aquele mundo de símbolos tendendo a escoar para aquele abismo em que estávamos fragilmente suspensos. Aquilo era assombroso!

Era compreensível a atitude do último ponto de querer se ver livre daquela situação angustiada, provavelmente o último ponto viu coisas que nenhum de nós jamais vimos, nem o ponto final, o último ponto estava numa relação de abertura de diálogo com o vazio e isso o perturbou profundamente, não deve ser fácil estar cara a cara com silêncio tão vasto e gritante. Sua reação é, assim, consequência da epifania que teve a partir dessa relação. Confuso, ele um dia nos deixou, saindo em surdina. Soubemos, tivemos algumas notícias, que ele ficou um tempo vagando sem paradeiro, mas que depois andou fazendo uns cursos de capacitação e que hoje vive de bicos de “ponto final” em textos pequenos e sem muita importância. Sinto, eu que fui o mais próximo dele, que essa foi uma maneira de lidar com questão tão difícil em que se viu, vivendo como “ponto final” o último ponto pode ainda vislumbrar cautelosamente o vazio, que tanto o assombrou e o fascinou e que modificou a

sua vida, mas quando se sentir angustiado com sua vastidão ele pode daí virar as costas para o vazio, fechando o texto e, assim, amenizar o impacto de coisa tão imensa, mas sempre que quiser e tiver coragem pode se virar novamente para o vazio, tão misterioso. Vejo, então, seu abandono do trio como uma atitude absolutamente compreensível e que devemos respeitar, mesmo sofrendo na pele as consequências, cada vez mais fatais, da sua falta em nossa composição. Entendo, apenas, que devemos aprender a viver com isso, sem esse membro e continuarmos até onde for possível.

E é aqui que discordo, em partes, de meu irmão, e essa rebelação tem servido horrivelmente até para isso, para colocar nós um contra o outro, num conflito existencial terrível. Não quero eu brigar com meus irmãos, mas vejo como muito preocupante a atitude de nosso querido parceiro. Imaginem quanto de precedente está se abrindo a partir da atitude de nosso ex-parceiro! Imaginem se esse tipo de revolta se espalhasse por toda a linguagem! Como ficaríamos nesse caos, onde um símbolo não quisesse mais cumprir a função que há tantos séculos vem, fundamentalmente, cumprindo, onde no lugar que sempre vejo uma vírgula veria um acento agudo?! Tenho medo que tal postura se espalhe e contamine outros elementos de nossa linguagem, assim todos nós correríamos o risco de nos esfacelarmos, sem a densidade própria de nossas funções perderíamos a nossa essência, aquilo que nos faz sermos nós mesmos! Esses dias, eu e o segundo ponto, nos vimos em uma situação de termos de fazer um bico de “dois pontos” pra um travessão entrar! Subimos um em cima do outro, foi terrível! Prefiro ser um trema!

Pois é. É isso, membros da academia. É para expressar tamanha angústia de nossa situação que estamos aqui neste púlpito. Não queremos mais nos prolongar por muito tempo, não somos bons nisso de falar usando palavras. Não nos sentimos bem realizando um papel alheio, penso que o último ponto também não deve estar muito confortável no papel de “ponto final”, o conheço, ele nunca atingirá a dureza e rispidez de um

legítimo ponto final. É por isso que viemos aqui pedir à academia que forme uma comissão que analise mais cuidadosamente o nosso caso e que busque um contato cuidadoso com o último ponto, sabendo de sua delicada condição psicológica.

E caso não haja colaboração da parte de nosso ex-parceiro, que tomem as devidas medidas para a abertura de um concurso, aberto para toda a pontuação, que vise suprir o espaço vago deixado pelo nosso parceiro. Agradecemos a atenção.

Obrigado pelo tempo de vocês e agradecemos se puderem direcionar seus esforços a uma análise cuidadosa da situação de nosso irmão e, se possível, um acordo com o mesmo, buscando sempre que esse acordo seja o melhor para todos da comunidade, inclusive para o último ponto, nosso irmão. Obrigado.

Os oito similares

Era um garoto que tinha nascido em oito lugares ao mesmo tempo, a oitava mãe foi a primeira a parir tanto quanto a quarta foi a sexta ou a terceira, tanto faz.

Tudo que um fazia num lugar, faziam os outros noutra: se um tinha fome, todos os outros sete fome tinham, só que apenas um deles é quem realmente estava segurando um garfo e sentado numa mesa, os outros faziam gestos no ar, no meio das buzinas numa avenida ou numa cabine telefônica, sem problemas: se um comesse, todos outros já não tinham mais fome. Difícil era quando um estava segurando o garfo, longe um outro tinha a sopa e um terceiro era quem estava no restaurante, daí um quarto era o que pagava a conta, reclamando ao garçom por causa da falta de sal na comida. E quando um vislumbrava um horizonte imenso, em cima de uma cachoeira, inspiravam o ar vindo daquela abertura..., só que sentiam o cheiro de um saco de lixo que um outro tinha na frente, misturado com um perfume de fumaça vindo de outro no meio de uma avenida.

Nasceu ou nasceram espalhados no mundo, similares de mães diversas. Seus gestos, iguais, tinham consequências diferentes, nisso. Dois – um em Belgrado e outro na Tunísia – estavam trancafiados numa clínica, considerados loucos pelos seus gestos muitas vezes inusitados e sem razão de ser. Um outro, era chefe espiritual numa região montanhosa inalcançável no nordeste da Ásia Menor, outro chamavam de andarilho no Brasil. Outro lutava, no sul do Uruguai, contra o vício do tabaco inventado por um outro que sofria de paixão por uma espanhola. Dos outros, poucos assuntos se têm.

Dois, por uma sublime confecção do acaso, num dia acabaram se encontrando, sabe-se que numa ilha antilhana. Não se conheceram no entanto, mesmo um estando de frente ao nariz do outro. A semelhança era tão perfeitamente similar que o encontro era como um se olhar no espelho. A única característica que os separava, além das vestimentas e do aspecto das peles,

era de serem outros que não um. Falaram sempre um em cima da palavra do outro, se repetindo inclusive na oscilação do tom. Fizeram, então, a única comunicação possível – se cumprimentaram – e viraram as costas, com medo do que aquela proximidade entre os dois pudesse causar. Nunca mais um encontrou ou desejou encontrar o outro.

Conta-se, sempre num sussurro ao pé de ouvido, que sumiram estrategicamente antes de atingirem os trinta anos. “Dos objetivos, existem três versões: ou por quererem virar mito, ou por medo da medicina experimental, ou, como entendem os mais relativistas, os dois motivos agindo juntos.”, comunicou-nos – com uma face de clara ironia – um dos coordenadores do edifício erguido em honra aos oito análogos, na cidade de Cuzco.

Conto tridimensional n° 5

Lia, qualquer coisa – e verdade que corria dos religiosos em demasia (daqueles que tratam a escrita como uma profissão [e não como um desabafo {vindo das dores... do âmag... da gente} escrito a sangue] vinda de um departamento qualquer) que lera muito nos tempos de colégio – que encontrava na prateleira suja de seu quarto, pra cansar os olhos e dormir.

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

SINOPSE

Esta obra apresenta uma coletânea de trinta e três contos escritos em mais de uma década, que demonstram um estudo sistemático realizado pelo autor acerca das possibilidades de escrita do gênero conto, explorando as experimentações da linguagem. Os textos se emaranham na obra em três dimensões: contos mais realistas, contos mais oníricos e contos curtos de estilo minimalista.

O AUTOR

Luis Henrique Miotto, escritor de contos e livros historiográficos, também é autor de histórias para público infantil. Historiador, professor e doutor em Educação, atualmente desenvolve pesquisas na temática de pedagogias não-convencionais. Enquanto cineasta documentarista e produtor cultural tem como foco projetos com a temática da memória.

[CONTOS E CRÔNICAS]



Avalie o livro
neste QRcode

